



**Universidade de Brasília**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS – MTC**

**CAMILA RIBEIRO NAKATANI**

**ESTUDO DO MEIO: UMA FORMA DE “APRENDER FAZENDO” NA  
FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS**

**Brasília, 2011**



CAMILA RIBEIRO NAKATANI

**ESTUDO DO MEIO: UMA FORMA DE “APRENDER FAZENDO” NA  
FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS**

Monografia apresentada a Banca Examinadora da  
Faculdade de Educação como requisito à  
obtenção do título de Graduação do Curso de  
Pedagogia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Maria Lúdia Bueno Fernandes

**Brasília, 2011**

CAMILA RIBEIRO NAKATANI

**ESTUDO DO MEIO: UMA FORMA DE “APRENDER FAZENDO” NA  
FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS**

Monografia apresentada a Banca Examinadora da  
Faculdade de Educação como requisito à  
obtenção do título de Graduação do Curso de  
Pedagogia da Universidade de Brasília.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Bueno Fernandes (orientadora)  
Universidade de Brasília

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristina Maria Costa Leite (examinadora)  
Universidade de Brasília

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire (examinadora)  
Universidade de Brasília

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cátia Piccolo Viero Deveschi (examinadora)  
Universidade de Brasília

Brasília, 20 de julho de 2011

*A minha mãe por tudo que representa  
em minha vida e em minha formação  
como educadora.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ter me permitido chegar até aqui;

A minha querida mãe pelo amor, carinho, força e incentivo em todos os momentos;

Ao meu pai pelo amor, carinho e por não ter medido esforços em colaborar com meus projetos acadêmicos e por escutar minhas angústias e compartilhar comigo minhas ideias e meus desabafos;

Aos meus irmãos Marco, Daniela, Tânia, Felipe, Amanda, Sarita e Lucas pela paciência, pelo convívio, auxílio em todos os âmbitos e pela troca de saberes;

A minha cunhada Cleusa e meus sobrinhos Ana Carolina e Júlio César por perdoarem meus esquecimentos;

Aos meus queridos ex professores da Escola Classe 15 do Gama e Centro de Ensino Fundamental 01 do Gama: Cecília, Else, Lúcia, Cláudia, Gleide, Marcilene, saudosa e fonte de minha inspiração para ser educadora professora Maimie; a Francisca, Eliete, Cordélia e Célia por tudo que aprendi no Ensino Fundamental;

Aos meus amigos de toda vida pela compreensão de minha ausência durante essa trajetória: Jeline, Dona Rosa, Dona Francisca, Dona Tide e Josiane.

A minha saudosa amiga Aparecida que infelizmente não estará presente nesse momento tão importante de minha vida;

Aos meus queridos mestres da academia:

A professora Doutora Maria Lídia Bueno Fernandes pelos ensinamentos, por ter me orientado neste trabalho e por ter tido paciência em minhas lacunas intelectuais e “fugas da monografia”;

A professora Doutora Norma Lúcia Nérís Queiroz por ter colaborado em minha formação de uma maneira significativa e inesquecível, por sua elegância e paciência em lidar com os problemas e comigo;

A professora Neusa Maria Deconto a quem devo a continuação no curso por seu carinho, palavras de incentivo e por ter o desprendimento em escutar minhas angústias;

A professora Doutora Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire por me mostrar o que é ser uma educadora de postura e elegância;

A professora Doutora Solange dos Reis Amorim Amato por me mostrar uma matemática possível de ser ensinada e compreendida e que realmente fará a diferença na vida de meus futuros alunos;

A professora Doutora Cátia Piccolo Viero Devechi pelo auxílio valiosíssimo na reta final de minha monografia;

Aos meus queridos e inesquecíveis mestres: Albertina Mítjás Martínez, Célio da Cunha, José Luiz Villar Mella, Shirleide Pereira da Silva Cruz, Rosângela Azevedo Coelho, Marta Klumb, Cristina Massot Madeira Coelho, Maria Luíza Pereira Angelim; Maria do Carmo Nascimento Diniz, Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, Sandra Magda Vivacqua Von Tiesenhausen, Helana Célia de Abreu Freitas, Tatiana Yokoy, Wivian Jany Weller pelas trocas de conhecimento e pelo belo convívio;

Aos participantes desse estudo pela colaboração, respondendo ao questionário;

Aos professores doutores membros da banca por terem aceitado ler meu trabalho e colaborarem com minha formação acadêmica;

As minhas grandes amigas Alessandra Werneck e Mariana Costa pela amizade incondicional, pela escuta, pelo auxílio em todos os setores de minha vida e pelos conselhos;

Aos meus queridos amigos Diogo, Éder, Leandro, Josivaldo e Régis pelo carinho, paciência, auxílio, apoio e brincadeiras;

A minhas amigas Liliane e Tilla pelo carinho e palavras de incentivo;

E a todos aqueles que de alguma maneira deixaram um pouco de si em minha vida, o meu singelo e sincero agradecimento.

## RESUMO

Este trabalho teve como propósito analisar a concepção que os estudantes de Pedagogia da Universidade de Brasília tem acerca da utilização do Estudo do Meio como metodologia interdisciplinar na sua formação. A pesquisa foi realizada com a utilização do método misto, o que implicou a utilização de questionário e observações para produção dos dados. Considerando que o ensino de Geografia tem sido desprivilegiado nos anos iniciais, essa metodologia se apresenta como um instrumento relevante na formação de pedagogos, já que é vista pelos estudantes como uma metodologia interdisciplinar e autoral que possibilita a vivência de novas experiências que podem propiciar a construção de conceitos complexos. Além disso, permite desenvolver capacidades instrumentais consistentes para compreender, explicar e atuar sobre o meio, aguçando o espírito científico e investigativo dos alunos.

**Palavras chaves:** Metodologia. Estudo do Meio. Ensino de Geografia.



## ABSTRACT

This work aimed to analyze the design students of Pedagogy at the University of Brasilia has about the use of Environmental Studies and interdisciplinary approach in their training. The survey was conducted using the mixed method, which involved the use of questionnaires and observations to produce the data. Whereas the teaching of geography has been disadvantaged in early years, this methodology is presented as an important tool in training teachers, as is seen by students as an interdisciplinary approach that enables the authoring and experiencing new experiences that can foster the construction complex concepts. It also allows developing skills consistent instrumental to understand, explain and act on the environment, sharpening the scientific and investigative spirit of the students.

**Key words:** Methodology. Environmental Studies. Teaching Geography.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1: Relevância na formação de pedagogos .....	55
Figura 2: Aplicabilidade da metodologia na futura prática .....	56
Figura 3: Equilíbrio entre teoria e prática .....	57
Figura 4: Preparo para propor um Estudo do Meio.....	58
Figura 5: Situações em que se utilizaria o Estudo do Meio .....	58

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
MEMORIAL EDUCATIVO .....	13
1 - INTRODUÇÃO.....	13
2 - PRIMEIRO E SEGUNDO PASSOS (FORMAÇÃO BÁSICA).....	13
3 - PASSOS APRESSADOS DE UM SONHO E UMA VOCAÇÃO (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E O CURSO DE PEDAGOGIA) .....	15
3.1 - PASSOS NA PESQUISA.....	16
3.2 - PASSOS NA EXTENSÃO.....	17
3.3 - OS ESTÁGIOS DO CAMINHO.....	17
3.4 - PASSOS DE ENSINO .....	17
4 - PASSOS DECISIVOS DA GRADUAÇÃO: A MONOGRAFIA .....	18
INTRODUÇÃO.....	20
1 A GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR .....	23
1.1 HISTÓRICO DA GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR.....	23
1.2 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA.....	25
1.2.1 ESPAÇO GEOGRÁFICO.....	26
1.2.2 TERRITÓRIO .....	27
1.2.3 PAISAGEM .....	28
1.2.4 LUGAR.....	30
1.2.4.1 AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE ESTUDAR O LUGAR.....	33
2 ESTUDO DO MEIO .....	37
2.1 HISTÓRICO .....	37
2.2 A BELEZA DO ESTUDO DO MEIO.....	38
2.3 A CONSTRUÇÃO DE UM ESTUDO DO MEIO .....	40
2.4 OS ALICERCES DA COLETA DE DADOS DO ESTUDO DO MEIO: AS OBSERVAÇÕES E AS ENTREVISTAS .....	43
3 METODOLOGIA.....	45
3.1 PERCURSO METODOLÓGICO.....	45
3.2 AS OBSERVAÇÕES – DADOS QUALITATIVOS .....	46
3.2.1 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE: .....	47
3.2.2 OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE.....	49
3.3 O SURVEY – DADOS QUANTITATIVOS .....	54
3.3.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS QUANTITATIVOS.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS .....	62
REFERÊNCIAS .....	64
ANEXOS.....	67

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho pretende identificar a concepção dos estudantes da Universidade de Brasília acerca da metodologia Estudo do Meio, os quais foram participantes e protagonistas de suas aprendizagens. Essa apresentação tem o intuito de esclarecer aos leitores o contexto em que essa pesquisa se realizou.

A presente investigação ocorreu durante os dois primeiros semestres de 2010 na Universidade de Brasília, especificadamente no curso de Pedagogia na disciplina Educação em Geografia ministrada pela professora doutora Maria Lídia Bueno Fernandes, em que foi apresentado aos estudantes uma metodologia instigante que levou os mesmos a buscarem um tema que lhes fossem interessante investigar para suas aprendizagens.

Essa pesquisa está composta de três partes, sendo a primeira o memorial educativo da pesquisadora, subdivididos em temas ou períodos a saber: introdução, formação básica, Universidade de Brasília e o curso de Pedagogia e ainda as experiências acadêmicas na pesquisa, na extensão, nos estágios, no ensino e na monografia.

A segunda parte é o trabalho monográfico que se compõe de uma introdução, referencial teórico composto por dois capítulos: A Geografia como disciplina escolar e Estudo do Meio, seguido da metodologia da pesquisa, análise e discussão de dados, bem como considerações finais sobre a monografia e referências.

A terceira ou parte final destina-se as perspectivas profissionais de atuação como pedagoga.

## **MEMORIAL EDUCATIVO**

### **1 - INTRODUÇÃO**

Este memorial apresenta minha trajetória educativa, trata-se da coletânea de momentos significativos, pois aqui vou relatar fatos que enriqueceram minha vida educativa. Por isso, o início citando Severino (2002, p.175) que sabiamente diz que “a história particular de cada um de nós se entrelaça numa história mais envolvente da nossa coletividade”. E assim faço das palavras dele minhas, porque ninguém faz sua história sozinho, a caminhada de qualquer pessoa pode ser entrelaçada por outros caminhos, outras pessoas, outros saberes, outras vidas, muitos fatos, acontecimentos... Por todos os lados estamos sendo influenciados e influenciando e isso só é possível no coletivo, na sociedade que nos brinda com várias possibilidades e cabe a cada um fazer suas escolhas.

Minha caminhada educativa inicia-se com meus primeiros mestres, meus pais, que foram e são meus melhores educadores porque sempre souberam conduzir e mediar minha educação, mostrando-me o caminho que achavam ser o correto, mas me deixando livre para fazer minhas escolhas. Minha mãe foi, e é, uma entusiasta da educação, sempre valorizando os profissionais dessa área, além de incentivar eu e minha irmã (que seremos futuras pedagogas) a nos formarmos também verdadeiras educadoras para que dessa forma possamos dar o retorno a sociedade que de alguma forma custeou nossa graduação. Meus sete irmãos também foram mestres nessa caminhada colaborando nessa minha empreitada com suas amizades e apoio.

### **2 - PRIMEIRO E SEGUNDO PASSOS (FORMAÇÃO BÁSICA)**

Em 1985 tem início minha escolarização, na Escola Classe 15 do Gama, onde passei cinco belos anos, convivendo com excelentes profissionais da educação com os quais ainda mantenho vínculos de carinho e amizade. Foi durante essa época que fui inspirada a me tornar professora, pois tive o prazer de conviver com professores envolvidos e entusiasmados, que fizeram a diferença para mim, mostrando-me a plenitude e importância da palavra educar. Foi nesse período que eu ainda com oito anos comecei a ensaiar minha futura prática, fazendo uma “escolinha” no quintal de minha casa para meus irmãos mais novos e vizinhos aos fins de

semana. Hoje compreendo que essa escola improvisada não foi apenas brincadeira, foi um alerta ao que o futuro me reservava, mas mesmo sem ter essa noção me comprometia a fazer o melhor, auxiliando os “meus alunos” em seus processos de alfabetização e nas operações fundamentais de matemática, além de praticar esportes e fazer muitas aulas passeios no parque urbano, localizado em frente a minha casa, sem saber já fazia “estudos do meio”. Que bom lembrar esse caminhar!!!

Nas séries finais do ensino fundamental fui para o Centro Educacional 01 do Gama, nesse local tive mestres excepcionais que já orientavam suas práticas numa educação de troca de conhecimento, por isso aprendi muito, pois sempre fui uma aluna participativa e comprometida o que me auxiliou a crescer cognitivamente e pessoalmente. Nesse período meu pai foi trabalhar no Japão e acabei ficando doente por sua ausência, mas minha heroína (mamãe) estava ali para me proteger e não deixou que me abatesse, lutando todos os dias para que eu melhorasse e foi o que aconteceu, consegui retornar a escola e não perdi o ano, pois tanto os professores quanto os meus colegas me apoiaram até minha plena recuperação. Com o retorno de meu pai tudo melhorou e continuei me esforçando e me dedicando nos estudos, pois sempre achei que era minha obrigação ser boa aluna. Ainda nessa época, na oitava série, tínhamos que fazer a escolha entre o segundo grau propedêutico ou profissionalizante, o que causou certo conflito em meu íntimo que sabia que deveria ter escolhido o curso normal para a formação de professor devido a minha vocação de sempre, mas que acabou optando pelo propedêutico, por ser a maneira mais eficaz da realização do sonho de entrar na Universidade de Brasília.

Meu segundo grau, atual ensino médio, foi realizado no Centro Educacional Elefante Branco, escola tradicional e bem conceituada em Brasília, onde para ingressar precisei fazer prova de seleção, pois uma vaga era disputada. Essa escola me propiciou experiências inesquecíveis, como fóruns que eram organizados por nós, alunos, e que tinham a presença de grandes personalidades da cidade para debater e refletir sobre assuntos até hoje atuais como violência, drogas, política, religião, entre outros. Foi um período de grandes aprendizagens para uma educação crítica e sem amarras e também para aprender a pensar de maneira autônoma.

No segundo ano do ensino médio, surgiu o PAS (Programa de Avaliação Seriada) da Universidade de Brasília, enxerguei nesse momento a oportunidade de ingresso na tão sonhada UnB, fiquei muito empolgada e fiz a prova do segundo e terceiro ano, mas não entrei no curso que me inscrevi por influência de minha irmã mais velha. Foi uma frustração muito marcante em que não tive o amadurecimento necessário para superar, me deixei abater e fiquei dez anos sem o entusiasmo para realizar meu antigo sonho que era entrar na universidade.

Durante essa fase comecei a dar aulas particulares da primeira à oitava série, o que faço até o presente momento, o que perfaz treze anos e mais de duzentos alunos que auxiliei com muita dedicação e comprometimento o que foi me distanciando cada vez mais do meu sonho. No segundo semestre de 2007, resolvi parar de fugir da minha vocação e fiz o vestibular para Pedagogia e ingressei nesse caminhar de um sonho que demorou, mas se realizou no momento certo.

### **3 - PASSOS APRESSADOS DE UM SONHO E UMA VOCAÇÃO (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E O CURSO DE PEDAGOGIA)**

O ingresso no sonho, primeiro semestre de quatro longos e intensos anos trilhados com a pressa de um raio, de quem só queria o diploma para qualificar sua prática. Mas que depois notou que era preciso ter paciência, era preciso ter calma, como bem afirma Lenine em uma de suas canções. Complicado entender isso para quem tinha pressa e que acreditava e tinha a pretensão de não precisar aprender nada, enorme engano... Por isso foi um semestre pouco aproveitado, todavia merece destaque para a disciplina Perspectivas do Desenvolvimento Humano, onde pela primeira vez ouvi falar sobre Representações Sociais. Devido a pressa, anteriormente mencionada, decidi-me que escreveria em minha monografia sobre esse tema, o que se mostrou durante o processo formativo, como outro engano.

Pela pressa costumeira, faço o curso de verão no início de 2008, as disciplinas “O Educando com Necessidades Educativas Especiais” e “Organização da Educação Brasileira” que proporcionaram um grande aprendizado, principalmente no que diz respeito a olhar o outro na perspectiva da alteridade, já que me trouxe outros elementos para a compreensão dessa realidade, que eu entendia apenas na perspectiva do respeito. Isso quer dizer, não era

capaz de enxergar o outro em mim, apenas achava que não desrespeitá-lo bastava para compreendê-lo.

O segundo semestre foi muito complicado, pois não entendia que aplicação teria a teoria na prática, não conseguia ver significado no que os professores falavam e nas leituras dos diferentes autores. Chegava em casa todos os dias triste com uma vontade imensa de desistir do curso, mas minha mãe levava-me a refletir e a continuar caminhando e a buscar enxergar o que havia de melhor no curso. Desse período merecem destaque as disciplinas “Psicologia da Educação”, única disciplina que não fiz na Faculdade de Educação e que aprendi como o ser humano é complexo e o que diversos autores diziam sobre a educação. E a disciplina que jamais me esquecerei “Prática Docente e Linguagens Corporais”, aulas maravilhosas que me fizeram enxergar com outros olhos o curso, ensinando-me a entender que a teoria e a prática são parceiras e que uma depende da outra para formar uma educadora .

A partir do terceiro semestre é que começo a desfrutar daquilo que o curso tem de melhor, passo a perceber que a universidade tem mais a oferecer que o diploma.

### **3.1 - PASSOS NA PESQUISA**

Desde o primeiro semestre tive experiências com a pesquisa, pois foram solicitadas a elaboração de artigos. No verão fui a campo pesquisar como estava a questão dos projetos políticos pedagógicos nas escolas, o que propiciou que a direção da escola pesquisada providenciasse um mais bem feito e com maior participação dos membros que fazem parte da escola. No segundo semestre foram realizados diversos trabalhos científicos e tive a disciplina “Pesquisa em Educação 1” que verificamos em um trabalho de pesquisa se havia resistência dos alunos ao AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), foi uma experiência muito rica que propiciou uma imersão no mundo da pesquisa.

Em todos os semestres foram solicitados trabalhos que exigiam pesquisa para sua realização, mesmo que não tão profundas, mas que foram primordiais para o aprendizado de um dos pilares da universidade que é a pesquisa. Nesse contexto eu, a professora Teresa Cristina e alguns colegas publicamos dois artigos sobre Representações Sociais na escola que foram apresentados na IV Conferência Brasileira sobre Representações Sociais.



### **3.2 - PASSOS NA EXTENSÃO**

No trilhar do caminho também tive contato com atividades de extensão que foram fontes de aprendizagem e conhecimento, pois ir para além da universidade foi muito gratificante e enriquecedor para minha formação. Convém destacar as atividades que realizei sendo monitora da LEdoC (Licenciatura de Educação do Campo) no Tempo Comunidade, período em que os educandos estudam em seus locais de moradia, nos assentamentos, pois o curso segue os preceitos da Pedagogia da Alternância. Nessas atividades convivi e aprendi muito com a professora Norma que me orientava durante as atividades. Nesse período percebi que nem sempre o que planejamos será executado e que mesmo com boa vontade, as atividades dependem de ações políticas e de uma boa administração financeira.

Também participei de atividades da semana de extensão como monitora de Educação em Matemática e em Educação de Jovens Adultos do Campo com ênfase no “método Paulo Freire”. Todas essas atividades tiveram um papel de relevância na minha formação, pois propiciaram a troca de conhecimento com pessoas de diversas comunidades.

### **3.3 - OS ESTÁGIOS DO CAMINHO**

Meu estágio na fase 1 foi feito na escola que estudei, onde fiz as séries iniciais do ensino fundamental, a Escola Classe 15 do Gama, fiquei em uma turma do quarto ano e apesar de toda a minha prática aprendi muito sobre o funcionamento de uma sala de aula, os trâmites legais que envolvem uma escola e seu funcionamento, observei a relação professor/aluno, aluno/aluno e o quanto tudo isso interfere no cotidiano de uma sala de aula.

A fase 2 foi realizada na LEdoC, onde dei aulas de Português, com ênfase em interpretação de textos, leituras e produção de textos, além de participar de reuniões de planejamento, de encaminhamento e organização do curso.

### **3.4 - PASSOS DE ENSINO**

Muitas foram às experiências de ensino que me possibilitaram conviver com mestres de grande qualidade e com aprendizagens sem preço. Várias disciplinas foram inesquecíveis positivamente e muitas delas me permitiram ser também monitora como “Didática

Fundamental”, “ Educação em Matemática 1 e 2”, nessa disciplina também fui bolsista Reuni por um ano, além de” Educação em Geografia”, disciplina essa que me fez encontrar o tema para minha monografia em meio a um caminhar para se estudar o meio: um bar. Quem diria que uma pessoa tão apressada e estressada iria escolher seu tema de monografia em meio a um bar? É um fato que não consigo explicar, mas compreendo, pois era muito interessante observar o entusiasmo da professora e dos estudantes em realizar cada um dos estudos do meio, independente do lugar. Visto que o lugar é uma das categorias de análise da Geografia e que um futuro pedagogo irá trabalhar com seus alunos, ele assume um papel relevante na formação desses profissionais, pois o professor poderá apresentar essa categoria de maneira significativa, podendo fazer com que aluno perceba-se pertencente, que assim crie vínculos e identidade e que se torne um agente de transformação do meio.

Nesse contexto, a UnB se tornou o lugar da realização do meu sonho, onde consigo me identificar e criei vínculos fortes de amizade e gratidão. Muitas foram às trocas de conhecimento que me tornaram uma melhor profissional e pessoa, ensinamentos sem fim que levarei para a vida.

#### **4 - PASSOS DECISIVOS DA GRADUAÇÃO: A MONOGRAFIA**

Muitos foram os passos que percorri para chegar a minha monografia, quantos possíveis temas já passaram em representações sociais, letramento, educação do campo, psicologia, entre outros, por isso quase não consegui me decidir.

Entretanto, como já mencionei anteriormente, foi ao ver o entusiasmo da professora e dos estudantes em realizarem o estudo do meio que escolhi meu tema, pois essa metodologia leva todos os envolvidos a realizarem o trabalho de maneira cooperativa e proativa, de forma que cada um expresse o que mais lhe parecer significativo, pois essa metodologia traz consigo um protagonismo empolgante aos alunos, além de possibilitar a futuros educadores uma alternativa metodológica autoral e interdisciplinar aplicável em qualquer série ou período. Por isso, achei interessante investigar qual a concepção dos alunos do curso de Pedagogia em relação a essa metodologia, visto que durante o curso nos são apresentadas poucas ferramentas metodológicas que permitam ir além dos muros da escola.

Com os passos de chegada a minha monografia, encerro meu memorial com muita felicidade e com certeza que mais uma caminhada terminou e que agora outros caminhos se abrirão e que novas escolhas serão feitas.

## INTRODUÇÃO

A universidade brasileira, até muito recentemente, primou pela fragmentação do seu conhecimento, tornando-o estanque, sem ligação, desconsiderando o processo de formação integral do estudante. Tal fragmentação implicou em desvalorizar o futuro educador criativo e interdisciplinar e assim interferiu nas práticas pedagógicas e no aprendizado dos educandos. Essa fragmentação perpetuada por esses futuros profissionais pode deixar seus futuros alunos submersos em conhecimentos desconexos, decorados, de caráter mnemônico e distante de um processo de construção de uma aprendizagem significativa podendo interferir em sua vivência educacional, além de não possibilitar o desenvolvimento da criticidade na aprendizagem, fragilizando a educação do país. Nesse contexto, o processo educativo posto, já não traduz as transformações vivenciadas pela população com o fenômeno da globalização.

O ensino de Geografia assim assume um papel relevante, pois possibilita a reflexão, a reconstrução, o conhecimento, o reconhecimento, a vinculação tornando o sujeito participante do meio em que vive. Como disciplina responsável pelo estudo do espaço geográfico, contribui com o conhecimento, não o conhecimento sem significação, mas aquele que atribui sentido, que coloca o sujeito a refletir, a questionar, que o identifica como ator nos processos sociais, inserindo-o na sociedade como agente transformador e criador de seus contextos.

Nessa perspectiva a Geografia tem sido precursora de metodologias inovadoras, não no sentido apenas da tecnologia, mas pelas propostas em si como o uso do cinema, da internet e da metodologia estudo do meio que visa ser uma estratégia interdisciplinar e autoral que estuda o lugar, reaproximando-o de seus habitantes e trazendo dessa forma memórias e um conhecimento da realidade concreta, por meio das escalas da natureza e social que se entrelaçam em sua formação e na construção de identidades que passam a ter significado para os sujeitos que ali atuam, pois abarcam uma complexidade de interesses, sejam sociais, políticos, ideológicos e econômicos.

Este projeto de pesquisa traz como tema uma investigação sobre a concepção que futuros pedagogos da Universidade de Brasília tem acerca do estudo do meio como metodologia interdisciplinar e autoral de ensino e a aprendizagem em sua formação. Visto que é uma metodologia que contempla a interdisciplinaridade e a participação cooperativa

daqueles que o elaboram e o executam, além de contemplar a comunidade e os lugares que estão sendo estudados, dando-lhes visibilidade, bem como ouvidos aos diferentes protagonistas como poeticamente afirma o historiador Eduardo Viveiro de Castro “não se trata de dar voz, pois eles já têm, trata-se de lhes dar ouvidos”.

Nesse projeto ter-se-á como foco a metodologia Estudo do Meio como metodologia estratégica na formação de pedagogos da Universidade de Brasília. Sendo o problema de pesquisa a ser investigado: Qual é a concepção dos estudantes de Pedagogia acerca da utilização do Estudo do Meio como metodologia interdisciplinar na sua formação?

Esta investigação propõe-se a analisar as concepções que os estudantes trazem da metodologia de estudo do meio em sua formação. Identificando a relevância da metodologia em suas formações, verificando se os futuros pedagogos que vivenciaram essa experiência, a utilizarão em suas futuras práticas e quais comportamentos e atitudes foram adotados para a prática dessa metodologia enquanto estudantes.

Nesse sentido, esta pesquisa justifica-se porque o Estudo do meio é uma metodologia interdisciplinar que abarca e integra conhecimentos de diversas áreas, além de promover a interação entre ensino e pesquisa, saberes essenciais na formação atual de educadores que futuramente exercerão suas profissões, direcionadas aos alunos que terão suas aprendizagens conectadas pela oportunidade de “aprender fazendo” que são propiciadas por essa estratégia que faz uso da interdisciplinaridade e que propõe que o professor seja um mediador de experiências o que implica no protagonismo dos alunos, já que eles se tornam sujeitos de suas aprendizagens.

O Estudo do meio, dessa forma torna-se uma ferramenta metodológica fundamental a um educador que se proponha a uma prática criativa e fora dos moldes tradicionais em que tudo era supostamente aprendido dentro da sala de aula e que o professor era detentor do saber fragmentado em disciplinas desconexas. No nosso entendimento, esta metodologia rompe com qualquer tradicionalismo e propõe uma inserção compartilhada entre professores e alunos no processo de aprendizagem, por meio da pesquisa e da construção do conhecimento a partir da incorporação de diversos olhares.

Organizamos este trabalho em quatro capítulos, sendo que no primeiro discorre-se sobre a Geografia como disciplina escolar, para isso faz-se uso de um breve histórico do Ensino da Geografia e uma discussão acerca de suas categorias de análise, a saber: espaço geográfico, território, paisagem e lugar.

No segundo, discute a metodologia Estudo do meio, apresentando sua beleza em permitir aos estudantes ou alunos protagonizarem suas aprendizagens, por meio da interdisciplinaridade e da autonomia em que se busca aprender aquilo que tenha significado e que faça diferença em suas vidas. Além dessa discussão traz a fase metodológica apresentando passo a passo como se faz um estudo do meio.

Já o terceiro capítulo aborda a metodologia utilizada para efetuar esta pesquisa, bem como a análise dos dados produzidos por meio de questionário e de observações participante e não participante.

Busca-se dessa maneira discorrer sobre uma metodologia da Geografia que visa um trabalho interdisciplinar e autoral na futura prática de pedagogos, para que esse profissional ao ensinar Geografia não fique apenas preso aos livros didáticos.

## 1 A GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR

*“Descolonizar é olhar o mundo com os próprios olhos pensá-lo de um ponto de vista próprio.” (Milton Santos)*

A Geografia na escola e na formação de pedagogos ainda é uma área do conhecimento pouco valorizada, pois não há formação específica de Geografia para pedagogos, existindo apenas uma disciplina dessa área na formação de futuros professores da Universidade de Brasília. Por isso, o que se percebe na prática é um profissional mal preparado para lidar com os conceitos e categorias de análise da Geografia e que acaba por desenvolver sua prática apoiado apenas no livro didático. A desvalorização desse campo do conhecimento deve-se ao desconhecimento da importância dessa disciplina.

### 1.1 HISTÓRICO DA GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR

A Geografia é um campo de conhecimento que investiga o espaço geográfico em todas as suas relações. Esse campo do conhecimento tornou-se componente curricular no processo de escolarização iniciado na Alemanha no século XIX, pois foi um instrumento para a formação identitária desse país que percebeu que “para melhor governar era imprescindível conhecer melhor o quadro natural, já que todas as relações de poder eram explicadas pela natureza” (TONINI, 2006, p.39). Desse modo, a geografia escolar contribuiu, ganhando os créditos pedagógicos, para a construção de um ideal patriótico necessário ao projeto de unificação alemão.

No Brasil a Geografia acadêmica e escolar foi institucionalizada no início do século XX pela Sociedade Brasileira de Geografia, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Universidade de São Paulo e outras instituições. Entretanto, antes de chegar às universidades já era ensinada nas escolas de primeiras letras de maneira indireta em outras disciplinas como História do Brasil e Língua Nacional que traziam em seus textos a descrição do território, sua dimensão e suas belezas naturais, (cf. VLACH, 2005, p.189). Segundo autores como Oliveira (2004), Vesentini (2004) e Cavalcanti (2008), predominavam duas vertentes no ensino da Geografia, uma tradicional que tinha um caráter utilitário e ideológico vinculado ao Estado e outra crítica que visava delatar a falsa neutralidade do pensamento tradicional, por meio de uma reformulação teórica em que se buscou avanços na compreensão do espaço e de sua historicidade.

Autores como Vesentini, Vlach, Bueno, Fernandes entre outros que são herdeiros da vertente crítica da Geografia Escolar chegam aos dias atuais, defendendo essa área de conhecimento que agora vem alicerçada no construtivismo atribuindo significado ao que se propõe ensinar, tornando-se mais atraente para se aprender, pois segundo Cavalcanti (2008, p. 28) “a geografia escolar não se ensina, ela se constrói, ela se realiza. Ela tem movimento próprio, relativamente independente, realizado pelos professores e demais sujeitos da prática escolar que tomam decisões sobre o que é ensinado efetivamente.” Nesse contexto, não é uma área de conhecimento pronta, pede a reflexão, a reconstrução e a vivência de seus conceitos fundamentais.

Percebe-se, desse modo, que o ensino da Geografia sofreu ao longo do tempo uma renovação profunda e positiva, tendo em vista a crítica acadêmica ao ensino mecânico. Essa crítica condenou a Geografia apenas descritiva e o conteudismo que valoriza a informação fragmentada e uma aprendizagem que pode não ser significativa.

Nesse ponto, é importante analisar a relevância dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, pois eles surgiram como um instrumento significativo para refletir sobre o cotidiano do ensino da geografia escolar, sendo um componente curricular que embasa a prática do professor. Os PCN's representam um avanço quando contribuem para uma Geografia mais crítica visto que enfatiza que o espaço geográfico é produto das relações econômicas, políticas e culturais das sociedades, sendo a dimensão objetiva da realidade.

Os PCN's também propõem que se perceba a multiplicidade de significados subjetivos que são associados ao viver cotidiano das pessoas. E ainda que haja uma crítica contundente aos parâmetros compreendidos como diretrizes com abordagem eclética que consideram tanto o marxismo como a fenomenologia, que em algumas passagens fazem alusão ao desenvolvimento individual em detrimento do coletivo, e que propõe a construção de conhecimento ancorada na percepção do sujeito, muitas vezes de forma descontextualizada deixando de considerar que a leitura da paisagem se dá pelos fluxos e fixos, considerando que os mesmos são acumulação de diversos tempos, como nos ensina Santos (1988).

Há algum tempo o ensino da Geografia incorporou a dimensão do tempo para facilitar a investigação do espaço geográfico, desvendando as origens, o desenvolvimento dos



fenômenos sociais, culturais e naturais de forma contextualizada. Além de estabelecer relações significativas entre o local, o regional, o nacional e o global ou mundial, pois é importante a noção do local para se entender o global para que se possa compreender a relação existente entre essas duas escalas geográficas, em que uma depende da outra para explicar sua existência no contexto da Geografia, tendo em vista que conforme nos ensina Santos o local está no global e vice-versa. Por isso, é primordial para a Geografia atual que se estude o local para se chegar ao global, já que é no local que está a identidade, aquilo que cada pessoa entende como seu e de vital importância para sua experiência e vivência num espaço maior, o global.

## 1.2 AS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA

Muitas são as categorias de análise da Geografia que são assim chamadas por exigirem não apenas um conceito sobre elas, mas uma reflexão quanto ao que representam e ao que são no âmbito geográfico. Seu entendimento é essencial para que se compreenda a importância dessa área de conhecimento pouco aproveitada nos anos iniciais. Portanto, são necessárias para a compreensão da Geografia do ponto de vista epistemológico.

Nesse contexto, propomos uma revisão bibliográfica dessas categorias de análise da Geografia para uma melhor compreensão do estudo em questão. Convém enfatizar que a leitura do espaço na perspectiva da Geografia é feita por meio dessas categorias que estão expostas nos PCN's para que sejam trabalhadas de forma significativa com os alunos, sendo conceitos fundamentais que se entrelaçam sendo eles: espaço geográfico, lugar, paisagem, território e região, pois para Corrêa:

Como ciência social a geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chaves que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território. (CORRÊA, 1995, p.16 *apud* CAVALCANTI, 2007, P.88)

Portanto, é necessário discorrer a respeito dessas categorias para melhor compreensão do objeto a ser pesquisado neste trabalho: a Metodologia Estudo do Meio.

### 1.2.1 ESPAÇO GEOGRÁFICO

O espaço geográfico é uma das categorias de análise mais importante da Geografia em que Santos (1997) conceitua como “um conjunto indissociável de vários sistemas e objetos, ações e trabalho do ser humano”. “É uma produção do homem, onde ele atua como modificador através de suas práticas sociais.” Nesse contexto é objeto primordial de estudo da Geografia.

Essa categoria é a síntese da paisagem acrescida à vida é onde o ser humano produz suas vivências e seu sustento. Atualmente esse espaço é marcado pela velocidade em que se propagam as informações o que acaba por facilitar a produção. É interessante salientar a análise de Santos (1997) sobre o “espaço que une e que separa” essa dicotomia aparece principalmente nas cidades que a medida que crescem, distanciam os seres humanos de seus pares e da dimensão da natureza, pois os espaços urbanos tornaram-se locais de produção e atendem à demanda do capital. Assim, ao mesmo tempo em que concentra as pessoas nos centros urbanos, também os isolam.

Para que o espaço se apresente menos fragmentado e liberal em que tudo se torna mercadoria o autor aconselha que:

devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-los em classes, em exploradores e explorados; um espaço matéria inerte que seja trabalhada pelo homem, mas não se volte contra ele; um espaço Natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado. (SANTOS, 1997, p. 27)

Nesse sentido, cabe-nos como futuros pedagogos refletir acerca do papel do espaço para o ser humano, pensando o espaço que temos e aquele que queremos e possibilitando que nossos futuros alunos também pensem a esse respeito por meio do diálogo, da compreensão do espaço geográfico que habitam e da formulação de questionamentos que levam não apenas a uma única resposta, mas principalmente a novas questões que possibilite construir e reconstruir o espaço para que atenda não apenas as necessidades do mercado, mas também a realidade humana, para que não se torne “veículo de desigualdades sociais”.

### 1.2.2 TERRITÓRIO

*A problemática do espaço é vital para quem discute poder, pois ao se discutir território está se discutindo poder. Quem pretende espaço está reclamando poder. (Raquel Pereira)*

A categoria território refere-se a um espaço permeado pelas relações de poder, na qual existe a relação de dominador e de dominado que vão se originando nas relações de agentes políticos, econômicos e sociais em um determinado espaço.

Os PCN's (1997) essa categoria da Geografia inicialmente foi estudada apenas pelos aspectos fisiográficos, sendo o local de domínio da superfície da Terra habitada pelos seres vivos como animais e plantas em que desempenhavam suas funções de sobrevivência. Mas, foi com os estudos comportamentais de Augusto Conte que o território tornou-se uma das categorias fundamentais para explicações geográficas. Na concepção de Ratzel o território para os humanos é uma parte do espaço identificada pela posse, já para a Geopolítica militar é uma área controlada por um Estado-nacional, sendo esse um conceito político capaz de explicar os fenômenos de organização de um povo ou sociedade, bem como sua relação com a paisagem. (cf. BRASIL, 1997)

Nesse sentido, é importante enfatizar que conceituar território é estudar as relações de poder, pois:

[...] o território é uma categoria importante quando se estuda a sua conceitualização ligada à formação econômica e social de uma nação. Nesse sentido, é o trabalho social que qualifica o espaço, gerando o território. Território não é apenas a configuração política de um Estado-Nação, mas sim o espaço construído pela formação social. [...] Além disso, compreender o que é território implica também em compreender a complexidade da convivência em um espaço, nem sempre harmônica, da diversidade de tendências, idéias, crenças, sistemas de pensamentos e tradições de diferentes povos e etnias. (BRASIL, 2007, p. 7)

Por isso, Kaercher (1998) enfatiza que é importante que o ensino da Geografia auxilie o aluno a enxergar e a ler o mundo com seus próprios olhos, começando por seu território mais próximo, que pode ser sua casa, ou sua escola para que dessa forma consiga fazer uma leitura própria e significativa das relações existentes em outros territórios ou espaços de sua vivência, entendendo que “o espaço não é palco passivo onde os seres humanos atuam, é também, elemento influenciador/limitador/organizador/estimulador de nossas ações.” (p. 80). E que assim cada aluno se torne um possível agente do seu espaço, ou seja, um cidadão que

conheça seu papel de transformador do meio sabendo se posicionar com criticidade acerca dos aspectos que permeiam a categoria território.

Nessa perspectiva, se formará um cidadão capaz de refletir acerca das contradições e desigualdades que podem ser impostas pelo território e que muitas vezes passam despercebidas, mas que são essenciais para compreensão da situação local e global.

### 1.2.3 PAISAGEM

*Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (Milton Santos)*

A noção de paisagem, no senso comum, está presente desde a antiguidade na pintura e na arte, entretanto sua conceitualização nos estudos acadêmicos data da modernidade. Mas a definição simplista que relaciona a paisagem ao belo, ainda é um conceito elaborado e difundido pela cultura geral na atualidade, fortemente marcada pela mídia. Outro conceito que se perpetua no imaginário popular é que paisagem é algo bucólico, longe do burburinho das grandes cidades.

Nesse sentido, é necessário ressignificar o conceito de paisagem no ensino e aprendizagem da Geografia, pois conforme os PCN's:

[...] a paisagem tem um caráter específico para a Geografia, distinto daquele utilizado pelo senso comum ou por outros campos do conhecimento. É definida como sendo uma unidade do visível, possui uma identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos: o passado, o presente e, até mesmo, o futuro. A paisagem é o velho no novo e o novo no velho. (BRASIL, 2007, p. 7)

Nesse contexto, o estudo da paisagem torna-se significativo e relevante para que o aluno compreenda uma parte da complexidade do espaço geográfico, visto que essa categoria reconhece os elementos da história, das práticas sociais, culturais, bem como as dinâmicas naturais e as interações entre esses elementos que compõem esse espaço.

Convém salientar que a paisagem possui relação com o território, pois é a forma sucessiva da relação homem/natureza que apresenta a história da população que ali vive,

sendo assim, Lisboa (2002, p. 32) destaca que a paisagem é “o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza”, ou seja, ela é a materialização de parte importante do espaço geográfico, pois leva em consideração tanto as interferências da sociedade quanto da natureza. A autora corrobora Santos (1996) que afirma que “a paisagem é o conjunto de formas sucessivas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações entre homem e natureza”.

Nesse contexto, ainda segundo Santos (1988), uma das dimensões dessa categoria é a da percepção, aquela que chega aos sentidos, que faz um processo de seleção daquilo que é apreendido, mas não somente ela, a paisagem é um conceito abrangente não só ligado à percepção, pois é transtemporal unindo objetos passados e presentes. Por isso, deve-se ultrapassar “a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado” para que se torne um conhecimento além da percepção individual. Para essa conceituação é necessário para se encontrar seu verdadeiro significado a compreensão de alguns elementos elencados por Santos:

Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de força produtivas; a paisagem atende a funções sociais diferentes, por isso ela é sempre heterogênea; uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos momentos; ela não é dada para sempre, é objeto de mudança, é resultado de adições e subtrações sucessivas, é uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas; ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis, a paisagem é um palimpsesto, um mosaico. (SANTOS *apud* CAVALCANTI, 2004, p. 99)

É importante que a compreensão desses elementos considere a dimensão subjetiva e objetiva da paisagem, bem como o seu processo de construção e reconstrução que são perenes e que, portanto, seu estudo só terá sentido se for trabalhado como algo próximo, presente na vida de cada pessoa, que faz parte da história vivida por aquele sujeito, como algo vivo e que está em constante transformação tanto pela sociedade quanto pela natureza e que cada um direta ou indiretamente protagoniza e coopera na construção da paisagem que ocupa. (cf. SANTOS, 1988)

### 1.2.4 LUGAR

*“O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante- identidade- lugar. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.” (Ana Fani Alessandri Carlos)*

A categoria lugar também é importante para o estudo do espaço geográfico, pois ela é a parte do território na qual a vida das pessoas se desenvolve, onde as pessoas criam vínculos em que os cidadãos sentem-se pertencentes, ou melhor, identificam-se e dessa forma constituem a paisagem e o espaço geográfico.

Nesse mesmo contexto, Callai (2000, p. 97) considera que “o lugar, mostra, através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como utiliza tais recursos.”

Por isso, para Santos e Carlos (2007, p. 26) “o lugar permite ao mundo realizar-se, a oportunidade de uma história que ao realizar muda, transforma, determina a ação, é onde os homens estão juntos vivendo, sentindo, pulsando, e que tem a força da presença do homem.” Ou seja, tem sentido para ele, porque cria e fortalece vínculos, além de formar uma identidade com esse local que traz a possibilidade de importar-se, de querer participar ativamente de sua história. Desse modo, o lugar é:

[...] produto das relações humanas entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo identidade, posto que é aí que o homem se reconhece, pois é o lugar da vida.( CARLOS, 2007, p. 22).

Assim, o sujeito se reconhece, pois é onde ele vive e se constrói socialmente apropriando-se do espaço que habita, fazendo assim uma “análise da vida” por meio do “lugar, que no plano do vivido vincula-se ao conhecido- reconhecido” o que gera vínculos, sentidos e significados e que produz identidade.

O lugar como uma das categorias do atual currículo de Geografia para os anos iniciais do Ensino Fundamental está presente nos Parâmetros Curriculares nos temas “O lugar e a paisagem” tratando das relações individuais dos alunos com o seu lugar, as regras da formação e convivência do lugar em que eles vivem, construindo com os alunos a percepção

que há regras diferentes em diferentes lugares e que essas são alteradas de acordo com os diferentes contextos o que altera e determina lugares. (BRASIL, 1997, p. 15-16).

Nesse sentido, o lugar emerge como categoria de análise tanto da Geografia como de outras áreas ligadas a estudos socioambientais, cabendo à Geografia segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais possibilitar a compreensão dos alunos acerca das relações existentes em uma certa localidade.

Estudar o lugar segundo Callai (2000) é importante para compreender os acontecimentos no espaço atendendo aos níveis local, nacional e global para que dessa forma se descubra o mundo e permita as pessoas conhecer sua história por meio da análise da paisagem, bem como da construção do espaço geográfico o que possibilita sintetizá-lo em um lugar que deve ser compreendido levando em conta as escalas da natureza e social que são dimensões necessárias ao estudo do lugar, pois trabalha, ou melhor, constrói o conhecimento pelo viés da sociedade agindo sobre a paisagem natural e também por meio da dinâmica da natureza que não determina, mas influencia o lugar. Desse modo, essas duas escalas se entrelaçam em sua formação e na constituição de marcas que levam à construção de identidade e sentimento de pertencimento, contribuindo assim, para a melhor compreensão da realidade.

Ainda segundo Callai, cabe à Geografia ser a condutora da descoberta do lugar, para chegar ao mundo, por meio do olhar espacial, da seleção de conteúdos, da formulação dos conceitos que se utilizam do senso comum para chegar ao conhecimento científico. Cabe ainda a Geografia o desenvolvimento das habilidades de compreender mapas, legendas, escalas, bem como ser capaz de não apenas ler, mas de fazer, construir, ou melhor, elaborar instrumentos que permitam sua melhor aprendizagem para que possa analisar paisagens, lugares e espaços geográficos. Isso levaria a aprendizagem em espiral enfatizada por Brunner que sempre retoma o que foi aprendido com aquilo que está se aprendendo agora, entrelaçando o novo e o antigo conhecimento.

Visto que o lugar é uma categoria de análise geográfica que passou a ter grande relevância com a globalização, convém compreender o conceito de identidade que trata do

conjunto de características que formam o “jeito” de determinado espaço com seus costumes, valores, tradições e as relações conflituosas entre as pessoas e também entre os lugares.

Portanto, entender ou estudar o lugar não significa apenas reconhecer e descrever sua nuance física, mas perceber as transformações e dinâmicas que vão ocorrendo em diferentes momentos históricos a partir de variados interesses geográficos.

Segundo Bueno (2008, p. 93) atualmente percebe-se a necessidade de saber “pensar” o lugar por meio de uma proposta construtivista em que trabalhar o lugar e suas representações façam com que o aluno e o professor se percebam integrantes do processo de construção do conhecimento permeados de conceitos produzidos em cooperação, pois se não há um trabalho de parceria e respeito aos conhecimentos prévios do aluno a ele só resta decorar aquilo que o professor ensina.

Bueno corrobora com a visão de Vygotsky (2000) que enfatiza “o desenvolvimento dos conhecimentos espontâneos da criança é ascendente, enquanto que o desenvolvimento dos conhecimentos científicos é descendente, para um nível mais elementar e concreto”, ou seja, há a necessidade de que um conhecimento espontâneo alcance certa maturidade, pois são operados sem que se tenha consciência deles, portanto, essa conscientização e o controle no domínio desses conceitos do cotidiano só se realizam por meio da operacionalização dos conceitos científicos que crescem inseridos dentro do cotidiano e posteriormente se interiorizam nas experiências pessoais, conferindo significado para quem aprende.

Por isso, “o lugar deixa de ser um ponto no mapa e assume significados para quem os compartilha” (BUENO, 2011, p. 5), definindo a identidade histórica que liga o homem ao local de sua existência. Assim faz-se necessário a discussão sobre o sujeito ativo, aquele capaz de ser o protagonista de suas aprendizagens, tão importante para a educação e para a construção do conhecimento. Desse princípio teórico compartilham Fernandes (2009), Freire (2005), Bueno (2008), entre outros autores.



#### 1.2.4.1 AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE ESTUDAR O LUGAR

O estudo do lugar pode assumir uma dimensão importante no processo de aprendizagem, pois permite aos estudantes a recuperação de algumas práticas como: trabalho em campo, entrevistas, recursos de representação gráfica (croquis, perfis, documentação fotográfica), além de possibilitar a utilização de novos meios de comunicação (televisão, vídeo, *internet*).

Portanto, o estudo do lugar pode abrir possibilidades para um ensino mais aprofundado do estudo do espaço local, que é o local de vivência do aluno, onde ele convive com os conflitos e contradições do capitalismo, onde vivencia a construção e reconstrução de sua identidade histórica que o liga a esse lugar e ao mundo, trazendo uma ressignificação do próprio lugar, com afirmação Bueno (2010).

Todavia, convém salientar que estudar o lugar é uma tarefa complexa, visto que a localidade ainda é posta pela maioria dos livros de geografia como um local padrão, sem significado, sem vínculos e sem história. O lugar estudado na maioria dos livros didáticos não permite ao aluno vivenciar primeiro o local para se chegar ao global, não atribuindo significado a essa importante aprendizagem do estudo da Geografia.

O lugar assume um papel de grande relevância, pois é o local próximo, onde o aluno tem vínculos, onde pode se reconhecer e estabelecer uma identidade, desde que seja apresentado a ele, por meio da compreensão de seus conceitos e de sua história.

Dependendo do contexto em que estão inseridos os sujeitos da aprendizagem, ou melhor, do lugar ao qual fazem parte, tudo pode se tornar passível de estudo e análise, desde que se tornem interessante para esses sujeitos. Nesse sentido a cidade, o campo, o Distrito Federal, Brasília, a Universidade de Brasília e a Faculdade de Educação podem se tornar locais ou lugares de estudo como se verificará a seguir.

A cidade como um espaço do cotidiano local assume uma perspectiva educadora, pois têm uma existência histórica que pode materializar a capacidade criativa e transformadora das pessoas, possibilitando a realização de muitos estudos de lugares que compõe esse espaço urbano.

Nessa perspectiva, segundo Carlos (1996) “a cidade produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo”, por isso é um espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo, pois é um espaço de percurso reconhecido em pequenos atos corriqueiros que em primeiro momento podem ser vistos sem importância, mas que criam laços profundos de identidade. Assim, ainda de acordo com essa autora (2007, p. 55), a cidade é “uma construção humana (social e histórica) e não um bem ofertado ao homem.” [...] “É um solo urbano que tem valor enquanto produto do trabalho humano.”

Estudar a cidade é pensá-la como lócus de produção, de concentração de população e bens de consumo. Logo, pensar a cidade é refletir sobre o espaço urbano, como produto de lutas e também com um lugar de encontros com afirma Hissa (2008 *apud* FERNANDES; COSTA. 2011 p. 5) “[...] as cidades nascidas para ser encontro, originária de encruzilhadas e de antepostos, a cidade são, por excelência, o espaço de troca. Assim floresceram as cidades ao longo da história, desenvolvendo e fortalecendo significados.”

Significados esses que são primordiais à identificação de quem mora nesses espaços chamados cidades que trazem uma infinidades de lugares para serem “descobertos” e analisados por meio de um estudo aprofundado, onde todos sejam ouvidos e tenham suas palavras valorizadas.

O campo é outro lugar passível de se estudar, pois apresenta infinitos lugares que tem significados de luta por dignidade e também de encontros. Espaços esses que por muito tempo foram esquecidos devido à super valorização do espaço urbano, como se no espaço rural não acontecessem às mesmas relações que na cidade, talvez com menor intensidade, devido à baixa densidade populacional, relacionada ao êxodo rural, tão expressivo em nosso país desde a década de 1930. Mas esse espaço pode propiciar estudos para que se fortaleça e se desenvolva em seus moradores sentimento de pertencimento e de valorização daquilo que ele representa para o país, como parte da identidade brasileira, não apenas por gerar riqueza, mas por fazer parte da DNA do brasileiro.

O Distrito Federal também é outro espaço geográfico que possibilita o estudo de vários lugares que tem suas histórias ainda desconhecidas ou pouco valorizadas. Espaços que trazem uma gama de conhecimento que ainda precisa ser reconhecido para que sua riqueza de

informações traga à tona a reflexão necessária a um lugar tão significativo no Brasil, pois é no Distrito Federal que está a capital do Brasil e diversas regiões administrativas com peculiaridades a serem estudadas.

Segundo Lassance (2002) o Distrito Federal é um território autônomo de acordo com a Constituição Federal de 1988, sendo integrante junto com a União da organização político-administrativa do Brasil. Além de ter em seu território a Região Administrativa I, Brasília capital do Brasil.

Nesse contexto, Brasília que muitas vezes é confundida e ensinada nas escolas erroneamente como capital do Distrito Federal, assume seu verdadeiro papel que é de capital do Brasil que como afirma Costa (1970) “é o coroamento de um grande esforço coletivo como parte de nosso desenvolvimento nacional” que trouxe para o interior do país desenvolvimento, a custa claro, do esforço de um povo que queria e quer progredir e se orgulhar daquilo que ajudaram a construir. E assim surge uma capital imponente que segundo Costa (1970, p. 31):

[...] corresponde assim ao ápice de um arco, pela singularidade de sua concepção urbanística e de sua expressão arquitetônica, ela demonstra a maturidade intelectual do povo que a concebeu, povo este consagrado à construção do Brasil novo, povo voltado resolutamente ao porvir, aspirando a ser dono de seu destino.

Todavia, essa é uma visão romântica da construção de Brasília que para além de sua beleza arquitetônica, traz consigo diversos problemas de uma grande cidade como desemprego, violência, marginalização de grande parte da população que é “excluída” e colocada fora desse espaço urbano que segundo Vesentini (1987) é o mais autoritário, sendo na realidade apropriado ao totalitarismo, visto que sua construção exarcebou a forma da cidade capitalista, demonstrou a supremacia do homem sobre a natureza se tornando uma cidade sede, causando dependência as demais cidades e a seu entorno.

Carpintero (2009, p. 17) corrobora Callai ao dizer que Brasília possui muitas escalas o que a torna a cidade,

[...] onde a pessoa só sente-se pequena, na multidão, sente-se grande. Há aquela onde, com poucos passos encontra todas as suas referências. Outra onde as referências se confundem, encontra e perde, se encontra e se perde, tropeça e esbarra. Há outra em que as referências são distantes, onde pode voltar-se para si, onde pode sentir-se pequeno ou grande. Escala envolve distância e proximidade, natureza e construção, infância e velhice; percepção e consciência; razão e emoção.

Para Callai, Brasília tanto pode ser um não lugar quanto um lugar, dependendo de quem a conceitua. Carpintero ainda discorre sobre a escala monumental conceituando-a “como a relação do povo brasileiro com a cidade que ele mesmo construiu”. Dizendo que Monumental em Brasília é:

a cidade vista desde o horizonte das chapadas ou de um avião, da cidade construída na calma severa e majestosa do lugar.[...] é a vista do Congresso, com as cúpulas no chão, ao alcance de qualquer cidadão, a do cerrado, do lago do horizonte da chapada.[...] é a multidão na praça para receber seus heróis do futebol. É a consciência daquilo que vale e significa não a ostentação de poder. [...] é o ritmo das quadras sucedendo-se, a 80 km/h; é o centro urbano em vielas estreitas, proporcionando o convívio, o burburinho e o encontro; é a natureza grandiosa, o céu azul.(2005, p.17)

Brasília ainda pode ser considerada um não lugar para muitas pessoas, pois, segundo Callai (2000), os “não lugares são espaços vazios de conteúdo, sem história. São neutros, são transitórios, em geral, de uma arquitetura de desnudamento”, por isso é um espaço, onde a maior parte das pessoas que por ali transitam não se identifica e logo não constrói laços afetivos de ligação, características peculiares a um lugar.

Logo, a capital do país tanto pode receber o status de lugar quanto de não lugar dependendo do olhar que a aprecia e do nível de identificação que se tem com ela. Dessa maneira traz infinitas possibilidades para investigações e estudo do lugar como, por exemplo, a Universidade de Brasília idealizada por Darcy Ribeiro ou o Clube do Choro ou ainda a Esplanada dos Ministérios.

Todo e qualquer espaço geográfico, seja ele urbano ou rural, pode ser um excelente objeto para o estudo do lugar tornando-se fonte de descobertas da história de um lugar e das pessoas que ali habitam, por meio da metodologia do Estudo do Meio.

## **2 ESTUDO DO MEIO**

O estudo do lugar demanda uma metodologia que contemple seus aspectos físicos, sociais e culturais, bem como sua história e geografia, abrindo a possibilidade de uma pesquisa aprofundada do espaço local, bem como questionamentos que visam respostas e outras reflexões problematizadoras com a percepção de múltiplos olhares para que não escape nenhum detalhe importante acerca do local que se propõe estudar.

Nessa perspectiva a metodologia Estudo do Meio desenvolvida de forma interdisciplinar se destaca por possibilitar aos alunos protagonizarem sua própria aprendizagem o que lhes permite aprender fazendo. Dessa forma, essa metodologia provoca o desejo de instigação, compreendido como etapa fundamental no processo de construção do espírito científico que pressupõe a busca de respostas ou solução de um problema previamente levantado e que venha a ter um valor social para as pessoas e sua história ali investigadas.

### **2.1 HISTÓRICO**

Célestin Freinet já em 1920 utilizava aulas-passeio, pois afirmava que o interesse das crianças não estava dentro da escola, mas sim fora dela. Desenvolveu essa técnica saindo dos muros da escola com seus alunos para fazer aulas de descobertas, buscando motivar os alunos, por meio da ação, tentando assim trazer vida à escola, pois quando as crianças voltavam com seus registros, trocavam idéias com os colegas, acrescentavam observações, escreviam e ilustravam o que tinham aprendido.

Nesse contexto as aulas passeio de Freinet assemelham-se às aulas que também remontam aos anos de 1920, em que atividades semelhantes eram realizadas em escolas anarquistas brasileiras que seguiam os preceitos pedagógicos de Ferrer, fundador da Escola Moderna de Barcelona-Espanha. Essas escolas ofereciam “um ensino racional, atraente, fundamentado na observação e formação do espírito crítico.” (PONTUSCHKA, 2005) O que denota uma aproximação entre esses dois educadores.

Pontuschka (2005), afirma que essas atividades assemelhavam-se ao estudo do meio, já que são permeadas por atividades fora das salas de aula que tinham como objetivo fazer

com que os alunos observassem, descrevessem o meio natural e social do qual eram participantes e a partir daí fossem refletindo sobre questões que possibilitassem mudanças na sociedade. Entretanto, essas escolas passaram a incomodar a Igreja e o Estado e foram fechadas, dando fim ao ideário educacional do movimento anarquista.

Já na década de 1960, as classes experimentais do Colégio de Aplicação de São Paulo que seguiam os ideais da Escola Nova tiveram a permissão em seus currículos para realizar estudos do meio que se propunham a conhecer a realidade para transformá-la e posteriormente viabilizar a construção de uma sociedade mais justa. Em consonância com essa ideia esses “métodos renovados aplicados à educação tinham por objetivo a formação de lideranças e, após a sua experimentação e avaliação, aquele projeto de escola seria expandido para rede de ensino público”. Por isso a metodologia do estudo do meio se tornou indesejável para o que deseja o governo. (PONTUSCHKA, 2005)

Desse modo, como afirma Pontuschka (2005), essa metodologia foi suprimida dos currículos durante a ditadura militar, devido ao seu potencial pedagógico emancipador, pois se apresentava como “um instrumento do trabalho educacional e também como um fim educacional” (p. 253), permitindo que o aluno pensasse sobre sua realidade.

Ainda segundo essa autora, somente no fim da década de 1970 e início da de 1980 os rumos da educação foram reavaliados o que possibilitou uma maior reflexão sobre o currículo, em que se buscou dar ênfase ao caráter interdisciplinar com vistas a tornar a aquisição do conhecimento menos fragmentada e mecânica. Nesse sentido, a metodologia do estudo do meio ganhou destaque, pois tem em seus pilares a interdisciplinaridade, o diálogo e o trabalho coletivo, além de assegurar o específico de cada disciplina, mas contribuindo para a ampliação do olhar no sentido da apreensão do real nas suas múltiplas facetas.

## **2.2 A BELEZA DO ESTUDO DO MEIO**

A beleza dessa metodologia é dar ouvidos a quem tem algo a dizer para enriquecer a história do lugar, mas que não teve a oportunidade que agora é dada pelo estudo do meio que traz infinitas possibilidades de intervenção no espaço a ser investigado. Intervenção essa que

deve “oportunizar” melhorias para aquela comunidade, propiciando que cada indivíduo tenha sua palavra assegurada e respeitada, de maneira que os investigadores possam tentar verificar uma maneira de melhorar o lugar e sucessivamente a vida de seus moradores.

Além disso, oportuniza a quem está investigando praticar a escuta e observação sensível, aquelas capazes de ir além dos cinco sentidos, que verifica aquilo que por anos estava escondido e que precisa ser descoberto para enriquecer a história do lugar estudado, para que seja valorizado e respeitado e que tenha respaldo para os que ali moram se identifiquem, criem vínculos afetivos verdadeiros e plenos.

Para despertar os sujeitos para essa beleza o estudo do meio pode ser a metodologia ideal, visto que é desenvolvida por meio de saídas a campo que exige um planejamento, coleta de informações prévias e uma interdisciplinaridade que segundo Fernandes (2009, p.68) “propicia o desenvolvimento dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais de forma equilibrada”. O que enriquece o processo de ensino/aprendizagem a respeito de um lugar, proporcionando uma leitura mais completa relacionada ao saber geográfico que é possibilitado pela relação dialética que não é fragmentada, não acredita em uma resposta única que produz o conhecimento em espiral.

A contextualização e descontextualização dos fenômenos naturais, sociais e históricos de um lugar propiciadas pelo estudo do meio possibilitam conhecer algo novo e ao mesmo tempo faz surgir novos questionamentos que levam a reflexão daquilo que foi aprendido, e que pedem uma nova elaboração do pensamento para construção de novas análises.

Tanto para Pontuschka (2009) quanto para Fernandes (2009) o estudo do meio propicia a compreensão da realidade e incentiva os alunos a formarem uma postura investigativa que se concretiza por meio da pesquisa exploratória, que exige um estudo aprofundado daquilo que se deseja descobrir ou responder.

Fernandes ainda enfatiza que esse estudo deve ser trabalhado em três perspectivas: construção do olhar sobre si mesmo, sobre o coletivo e sobre a sociedade. Essas três formas de olhar são importantes porque leva os sujeitos a serem vistos como seres integrais, ou ativos em seus processos de aprendizagem e que por isso para um estudo do meio:

É fundamental atribuir sentido ao que se faz, saber o que se pretende e ir em busca de respostas, ou seja, na busca do saber, da realização, do aprofundamento. A necessidade de compreender a realidade social de forma integral, e de construir um conhecimento não parcelado, pressupõe uma postura investigativa que vai além...(FERNANDES, 2009, P.69 )

Essa postura investigativa exige responsabilidade, comprometimento na busca de soluções para um problema levantado, vai além, pois é uma busca de detalhes que por algum motivo foram esquecidos ou não foram lembrados, detalhes esses que fazem muita diferença na apreensão do real, porque são primordiais ao sentido de pertencimento necessário a construção de identidade que leva o sujeito a se importar com o lugar em que vive, tornando esse local significativo não apenas para a aprendizagem, mas para a vida.

Para se trabalhar nessa perspectiva é necessário que professores e alunos se esforcem em um trabalho coletivo e de cooperação em que todos os envolvidos se vejam como parte integrante no processo de aprendizagem, em que o fazer e o aprender estejam interligados para que assim encontre o verdadeiro espírito científico que é dar respostas ao que se procura, formular novas questões problematizadoras e dar significado ao conhecimento.

### **2.3 A CONSTRUÇÃO DE UM ESTUDO DO MEIO**

De acordo com Pontuschka (2005) os aspectos fundamentais dessa metodologia pressupõem: reconhecimento do espaço geográfico e social, por meio de sua história, observação informal e sistemática; definição de um problema; organização das tarefas com cronograma; elaboração do caderno de campo; ida a campo para a pesquisa; posteriormente a sistematização dos dados para analisar a problemática proposta e sempre que possível retorno à comunidade.

O modo de abordagem dessa metodologia com vistas a atender às especificidades da Geografia deve propiciar observações que permitam uma aproximação concreta com as questões suscitadas por professores e alunos a respeito de um lugar qualquer. Sendo assim todo e qualquer lugar pode ser propício a ser estudado, visto que:

Em qualquer lugar escolhido para realizar um estudo do meio, há o que ver, há o que refletir em Geografia, pois não existem lugares privilegiados, não há lugares pobres. É preciso saber “ver”, saber “dialogar” com a paisagem, detectar os problemas



existentes na vida de seus moradores, estabelecer relações entre os fatos verificados e o cotidiano do aluno. (PONTUSCHKA, 2005, p.260).

Nesse sentido, os alunos escolhem o lugar que desejam conhecer o que lhes proporciona um protagonismo que implica na aproximação do espaço em que vivem, podendo possibilitar o estabelecimento de relações do local com o global, percebendo dinâmicas semelhantes e diferentes, permitindo fazer comparações, fornecendo dessa forma elementos de análise e de reflexão da complexidade de certo espaço geográfico. Isso tudo só é possível de ser alcançado por meio de um estudo na perspectiva do lugar bem planejado, elaborado e executado.

Segundo Fernandes (2009), além de possibilitar uma gama de novos saberes a respeito do lugar que será o objeto do estudo do meio, também pode possibilitar ao aluno o desenvolvimento de habilidades como: coerência entre o pensar e agir, pois os comportamentos e as atitudes são condicionados a tratar com respeito o lugar e seus habitantes, a capacidade de sintetizar as melhores informações do objeto de estudo; o desenvolvimento do espírito crítico para discernir os diferentes discursos; ampliação da visão da realidade para refletir sobre questões problematizadoras; superação de preconceitos e estereótipos que podem atrapalhar a percepção do todo a ser investigado e o desenvolvimento do pensamento dialético que pressupõe “compreender as transformações contínuas que perturbam o ser humano, perturbação essa que o coloca em movimento, chama-o para a vida e para a possibilidade de transformação” (FERNANDES, 2008, p.185).

Além de possibilitar o desenvolvimento dessas habilidades a metodologia do estudo do meio, implica em um momento de diálogo na elaboração e execução de um trabalho coletivo em que o professor e o aluno se tornam investigadores, ou melhor, pesquisadores de um objeto comum.

Nesse contexto, Pontuschka (2007) aponta ainda que a elaboração do caderno de campo é fundamental para um estudo do meio, pois é nele que estarão contidas informações prévias sobre o lugar a ser investigado, bem como orientações para perceber o local e a maneira de abordar os moradores. Além do levantamento de instrumentos, de maneiras de se coletar dados e informações, bem como as diversas formas de se registrar, além da distribuição de tarefas. Segundo a autora o que se almeja é que o caderno de campo seja uma

construção feita pelos alunos e pelos professores para que haja um maior comprometimento das partes. Mesmo que isso não seja possível é necessário que as orientações e conteúdo do caderno estejam claros para todos os participantes.

Logo, um caderno de campo deve ser composto de: capa com a presença de algo que tenha relação com o objeto a ser pesquisado; roteiro da pesquisa de campo com material cartográfico sobre o tema a ser pesquisado; textos que embasem a pesquisa e informações a serem coletadas; entrevistas previamente elaboradas sobre o lugar investigado.

A pesquisa de campo ou saída a campo é outra etapa importante dessa metodologia, pois revela a vida de um determinado lugar. Esse é o momento mais relevante do estudo do meio é quando os alunos se encontram com o espaço, com os habitantes daquela localidade, é quando escutam histórias cheias de revelações, é quando se encontram com saberes que só enriquecem a prática e a teoria. Por isso é essencial que se saiba ouvir, olhar, cheirar, tatear e degustar, pois é o momento de se aguçar os sentidos para poder ir além das aparências, do perceptível e do palpável. (PONTUSCHKA, 2007).

É a hora que cada sujeito observa algo de maneira diferente e que percebe o que está a sua volta, aspectos do lugar e das pessoas comuns a todos, mas que se destacam de forma diferente para cada pessoa, por isso é um momento de ler o mundo com a clareza de quem não está ali para julgar, mas para apreciar o que aquele lugar tem a oferecer de rico, com suas histórias e “suas gentes” e principalmente suas vidas.

Esse é o momento mais importante, pois é hora em que os investigadores colocam em prática tudo que aprenderam com a teoria, desde a forma de se comportar, compreendendo as falas e até o silêncio, sabendo como perguntar e observar, verificando tudo, mesmo aquilo que está velado, escondido, por meio de do olhar e da escuta sensível capazes de perceber algo além da visão e audição habituais, que faz uso de todos os sentidos para que se perceba a riqueza do local a ser estudado.

## **2.4 OS ALICERCES DA COLETA DE DADOS DO ESTUDO DO MEIO: AS OBSERVAÇÕES E AS ENTREVISTAS**

Segundo Pontuschka (2007) tudo que permite a reconstrução das memórias de um lugar é importante, mas os documentos em um estudo do meio tornam-se fontes secundárias, visto que é por meio de entrevistas e observações que se alcança o material que possibilita “um trabalho de reflexão e de correlações’ que desvelam e revelam o lugar, bem como as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos que ali moram.

As observações contemplam o lugar e seus habitantes e tudo que é observado deve ser registrado como uma extensão da memória. Mas, convém salientar que é importante que se faça dois tipos de observação uma descompromissada com o intuito de “se envolver com o lugar, para que se sinta parte dele”. Depois dessa imersão no lugar é possível tentar uma observação sistemática que segue um roteiro com vistas a investigar a problemática previamente escolhida, que deve ter registros de diversas formas como fotografias, relatos descritivos, desenhos, entre outros. Cabe ressaltar a importância de considerar diferentes olhares sobre aquela realidade.

As entrevistas são outra fonte de produção de dados em um estudo do meio, pois é por meio delas que a memória é retomada, porque escutam-se histórias e relatos que determinam ou contam a história do lugar de uma maneira que não está nos livros, com uma riqueza de detalhes que enriquece a investigação. Ao entrevistador cabe não apenas perguntar e escutar as respostas convém observar as entrelinhas da falas de seus entrevistados, assim como os silêncios, os esquecimentos e emoções.

Por isso Pontuschka (2007, p.183) afirma que “as entrevistas associadas às observações vão permitindo um número cada vez maior de nexos que contribuem para o conhecimento da realidade de determinado espaço”.

Ainda segundo essa autora a transcrição e categorização também são importantes, visto que é por meio delas que se terão os dados dessas observações e entrevistas de maneira mais fidedigna possível, pois após sua realização o entrevistador deverá procurar o depoente para obter a aprovação dessa transcrição, após essa etapa o pesquisador deverá interpretar os dados produzidos à luz do pensamento teórico que embasa seu trabalho.

O retorno à sala de aula é outra importante etapa dessa metodologia, pois é nesse momento que as informações serão coletivizadas e tem-se a riqueza dos diversos olhares em um objeto que tem sua análise no cognitivo e no emocional de forma que se produza nexos, contradições e significados a respeito do lugar investigado que depois serão transformados em informações a serem inseridas nos conteúdos da escola.

Por seu caráter motivador e investigativo é que essa metodologia de ensino chamada Estudo do Meio se tornou objeto dessa pesquisa como um recurso didático no ensino de Geografia com vistas a uma aprendizagem significativa, e ao protagonismo no aprender em que se “aprende fazendo”.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Segundo Gil (2010) a pesquisa é necessária visto que ela é o caminho para a descoberta de respostas aos problemas encontrados em nossas relações com o mundo, por isso para que uma pesquisa se configure como científica deverá buscar respostas baseando-se em métodos e procedimentos científicos. Se a pesquisa parte de problemas concretos da realidade ela se mostrará eficiente na medida em que venha a fornecer mecanismos de ação para a intervenção e solução de tais problemas e será eficiente na medida em que contribuir no “diagnóstico e transformação da realidade”.

É nesse sentido que a presente pesquisa visa investigar que concepção os estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília trazem a respeito da metodologia do Estudo do Meio, se a compreendem em sua essência e se será aplicável em sua futura prática como educadores, visto que o ensino de Geografia para os anos iniciais ainda é bastante dependente do livro didático o que pode comprometer o ensino desse campo de conhecimento tão importante quanto Português e Matemática, mas que ainda é colocado em segundo plano na educação dos pequenos brasileiros. Nessa perspectiva, essa pesquisa tem um caráter social, no qual se busca entender os indivíduos em suas interações com a realidade e a vivências dessa metodologia. Dessa forma, trabalha-se com a concepção dialética que considera “a ação como a categoria epistemológica fundamental” em que o homem é considerado um ser social e histórico, sendo criador de sua realidade e agente transformador desse contexto (GAMBOA, 2008, p. 102-103). Cabe ainda salientar que a abordagem dialética “admite a inter-relação quantidade/qualidade dentro de uma visão dinâmica dos fenômenos” em que há relações entre o sujeito e o objeto, entre conhecimento e ação e entre teoria e prática.

Do ponto de vista metodológico para a análise de dados a presente pesquisa se utilizará do método misto que consiste da combinação das abordagens quantitativas e qualitativas, pois segundo Creswell (2010) “seu uso combinado proporciona uma maior compreensão dos problemas de pesquisa”. Visto que os dados serão analisados pela combinação das duas abordagens.

Para a produção de dados foram realizadas observações participantes e não participantes com o objetivo de verificar os comportamentos dos estudantes antes, durante e depois da realização do Estudo de meio, produzindo dados pertinentes para se analisar que concepção trazem sobre a metodologia investigada.

É um survey com sete questões fechadas e cinco questões abertas aplicados via email. Convém salientar que foram enviados cem questionários havendo o retorno de apenas 21 que serão a base de análise da presente pesquisa. O survey é a “solicitação de informações a grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados.” (GIL, 2010, p. 55).

Os sujeitos investigados foram os estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília que cursaram a disciplina Educação em Geografia ministrada pela professora doutora Maria Lídia Bueno Fernandes no primeiro e segundo semestre do ano de 2010 que participaram da metodologia do Estudo do Meio. Os investigados foram abordados de maneira aleatória por meio eletrônico. Foi garantido ao público alvo da pesquisa, confidencialidade e privacidade das informações fornecidas, bem como os benefícios da presente pesquisa.

### **3.2 AS OBSERVAÇÕES – DADOS QUALITATIVOS**

As observações foram realizadas durante o primeiro e segundo semestres de 2010, enquanto participava da disciplina Educação em Geografia como estudante e depois como monitora o que possibilitou realizar tanto a observação participante quanto a não participante, podendo observar os comportamentos e atitudes por meio do olhar de estudante e de monitora. Essas foram oportunidades singulares nas quais pude observar os estudantes protagonizarem suas aprendizagens por meio de uma metodologia que abrange a interdisciplinaridade e a autonomia. Nesse contexto a principal intenção era a observação dos comportamentos e a concepção dos estudantes de Pedagogia acerca da utilização do Estudo do Meio como metodologia interdisciplinar na sua formação.

### 3.2.1 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE:

Esta observação consiste “na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais” (MARCONI, 2008).

Essa forma de produção de dados foi realizada durante o primeiro semestre de 2010 na disciplina Educação em Geografia, ministrada pela professora doutora Maria Lídia Bueno Fernandes que apresentou essa metodologia à turma, por meio de autores como Pontuschka e Fernandes. Posterior ao estudo teórico foi apresentado à turma diversas propostas preparadas por grupos previamente formados dentre as quais se destacaram: Esplanada dos Ministérios: Uma monumentalidade vazia?; Musicalidade de Brasília, A Torre de TV; Catetinho e o Bar Pôr do Sol.

A proposta do Bar Pôr do Sol foi a vitoriosa e trouxe consigo o seguinte tema: Lazer em Brasília: o destaque dos bares em que se objetivava identificar as opções de lazer em Brasília e o papel que os bares desempenhavam, bem como as opções de lazer dos estudantes da Universidade de Brasília, além de averiguar se o Bar Pôr do Sol era considerado um ponto de confluência, buscando entender como os estudantes da UnB estabelecem o contato com o bar. Além disso, buscava-se compreender a representação do bar no imaginário coletivo. É interessante salientar que a escolha do estudo do meio foi feita por meio de votação.

Posteriormente à escolha e devido ao caráter coletivo da metodologia, as tarefas foram divididas e cada grupo ficou responsável por uma atividade. Nesse sentido, trabalhou-se teoricamente na busca de subsídios para a saída a campo que se efetivou por meio de planejamento e coleta de informações prévias acerca do objeto de estudo “o Bar Pôr do Sol”.

Logo, a elaboração do caderno de campo foi coletiva e participativa já que tudo que foi encontrado foi inserido no caderno como músicas com a temática de bares, questões teórico metodológicas a respeito do lazer em Brasília, com destaque dos bares, bem como a colocação de endereços de blog's que apresentavam os bares mais badalados da capital do país. Além do histórico do bar que foi o objeto desse estudo e as referências utilizadas para embasar o caderno.

Esse caderno também contou com fotos, orientações gerais para a saída a campo, para se tirar boas fotografias, para se fazer as entrevistas e para se registrar os relatos de observações em que cada grupo se responsabilizara anteriormente para realização de cada tarefa. O caderno contou ainda com locais livres para que se desenhasse, fizesse anotações, além de mapas com a localização de bares na Asa Sul e Norte.

Após a elaboração do caderno foi realizada a saída a campo para observar o lugar por meio da metodologia do estudo do meio realizado em um bar chamado Pôr do Sol, no dia 17 de agosto de 2010, com o objetivo de investigar a relação dos bares da 409 Norte como uma das áreas de lazer para estudantes da UnB, bem como desvelar questões referentes ao lazer em Brasília e suas relações sociais.

Essa observação cerca de uma hora e quinze minutos (de 21h até 22h15min), onde se percebeu por meio da observação participante natural que o ambiente físico do bar não se configura um atrativo do local e que as pessoas que o freqüentam, em sua maioria, são dos cursos universitário do Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília. Por meio de questionários e observações feitas no local verificou-se posteriormente pela análise dos instrumentos que o acesso ao bar dá-se com o ingresso na Universidade e que 100% dos entrevistados afirmaram que esse bar é uma tradição entre os alunos da UnB, apesar de não o considerarem um bom bar.

Convém destacar alguns importantes momentos dessa metodologia como as apresentações das propostas, a elaboração do caderno de campo, a divisão das tarefas, a ida a campo, o retorno a sala de aula e principalmente a realização do relatório final, contendo as impressões e análises de cada grupo a respeito do local que foi estudado no qual se destacaram algumas falas ditas durante as nove entrevistas feitas na saída a campo que são relevantes para a construção do imaginário e manutenção das tradições da Universidade de Brasília como:

“Lugar de descontração de alunos da UnB.” (estudante de Pedagogia)

“Lugar de fofocas, encontros.” (estudante de Letras Português)

“Extensão da UnB.” (estudante de Serviço social)



Durante a realização desse estudo do meio percebeu-se ainda o contentamento e descontentamento com as opções de lazer da cidade que, em comparação com outras capitais, deixa a desejar em termos de lazer. Mas que apesar de tudo e devido a sua idade atende a diversos públicos. Logo, a realização desse trabalho demonstrou que qualquer lugar pode ser objeto de um estudo do meio corroborando Pontuschka (2005) que afirma que em qualquer lugar “há o que se refletir em Geografia, pois não existem lugares privilegiados, não há lugares pobres” o que foi possível perceber durante esse estudo do meio. E que no caso dos bares chegou-se a conclusão que contribuem para a cultura e a dinâmica social de uma cidade e que especificadamente o bar estudado também cumpre sua função social pela proximidade da universidade, por seus preços modestos e por funcionar como um local que agrega pela frequência como ponto de encontro e não pelo atendimento e estrutura.

Percebeu-se por meio dessa metodologia que o ensino de Geografia pode tornar-se bem mais interessante se professores e alunos trabalharem juntos, pois possibilita aos alunos aprenderem de forma autônoma a partir de um lugar que tem um significado para eles se tornando a gênese de identidade e de vínculos afetivos tão importantes para que o ensino e a aprendizagem se tornem mais interessantes e prazerosos.

Com o fim desse estudo do meio os estudantes perceberam seu caráter agregador, sua aplicabilidade em uma futura prática e quanto é importante se sentir um sujeito ativo, aquele capaz de protagonizar sua aprendizagem por meio de uma metodologia que pode transformar um lugar ou as pessoas que ali vivem, bem como os estudantes que participam de maneira responsável e comprometida a fim de realizar um bom trabalho.

### **3.2.2 OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE**

Neste tipo de observação, segundo Marconi (2008), o pesquisador tem contato com o grupo ou realidade em estudo, todavia não se integra a ela, permanece de fora, presenciando os fatos, mas sem participar deles, tem o papel essencialmente de espectador, aquele que apenas assiste, entretanto, isso não quer dizer que o observador é passivo, mas sim que ele estará atento e consciente para outras percepções e comportamentos de quem é observado.

A teoria da metodologia do Estudo do Meio foi estudada e após sua compreensão a turma se dividiu em grupos para a apresentação de possíveis propostas de estudo do meio. Dentre as propostas apresentadas a vitoriosa foi a intitulada: “Diferentes olhares sobre as multifuncionalidades do ICC que foi escolhida por meio de votação.

Após a escolha dessa proposta a turma se organizou para elaborar o caderno de campo, dividindo-se em grupos, em cada um tinha responsabilidade quanto à realização de uma atividade que ia desde informações sobre o ICC até o aporte teórico para embasar o caderno. Esse contempla, além de fotos, charges, poemas, instruções para a saída a campo e orientações importantes para as observações, realização das entrevistas e locais para se anotar as impressões pessoais, relatos ou para desenhar.

A maior parte das informações foi compartilhada via e-mail para a formulação do caderno que foi finalizado para se ir a campo.

O estudo do meio foi novamente foco de observação em uma saída a campo anteriormente planejada pela proposição de idéias de locais para sua realização, elaboração do caderno de campo e divisão de tarefas. Esse estudo em questão foi realizado no dia 27 de Janeiro de 2011 no turno noturno com estudantes que em sua maioria eram do curso de Pedagogia em que se buscava investigar os diferentes olhares sobre o ICC (unificação de cinco institutos de ciências: Matemática, Física, Química, Biologia e Geociências). Partiu-se para a investigação às 19h30min todos os alunos da turma, a professora e uma monitora, chegou-se ao local às 19h45min.

O primeiro local visitado foi o Diretório Central de Estudantes (DCE) chamado de Honestino Guimarães em homenagem ao ex presidente da União Nacional de Estudantes (UNE) e do DCE que foi preso e desapareceu durante a Ditadura Militar. Hoje é um local que serve para discussões sobre a universidade e também como local de encontro e descontração dos estudantes. Segundo o coordenador geral do local Jonathas, estudante do curso de serviço social, disse em entrevista semi estruturada que o DCE tem importância mais reflexiva e para discussão de questões mais gerais da Universidade. Durante essa entrevista foi perceptível que os estudantes estavam inseguros na hora de fazer questões, alguns estavam mais preocupados em anotar as informações, outros eram apenas ouvintes. Percebeu-se também que o estudante

representante do DCE é extremamente articulado e que falou somente sobre os aspectos positivos do diretório. Também discorreu sobre a pretensão de se revitalizar os três andares do ICC, dos projetos das bicicletas e ônibus internos e fez uma crítica ao Beijódromo, bem como a sua construção.

Em um segundo momento quem assume a função de guia é um estudante da Arquitetura chamado Luiz, uma das estudantes da disciplina contextualiza a situação, enfatizando que aquele trabalho era parte do desenvolvimento da metodologia Estudo do Meio. Ele, como um bom anfitrião, assumiu o trabalho e levou os integrantes a visitar locais do ICC dizendo várias frases que são notáveis de um futuro arquiteto como:

“O espaço é rico, 800 metros representam a grandeza da UnB.”

“Prédio racional, mas com ocupação irracional”

“O ICC era para ser ocupado de maneira transversal, mas hoje é ocupado de forma linear, o que causa nos corredores nós de fluxos de pessoas, pois não é costume dos estudantes atravessarem os corredores transversalmente, talvez por causa do degrau.”

“O ICC é um monumento à transdisciplinaridade. O ICC é todo experimental”

Ao entrar no departamento de Arquitetura disse que o espaço é inspirado na USP, pois traz o método pedagógico mais o espaço do ensino da arquitetura. Logo, os ateliês são espaços abertos. Fez uma breve crítica aos Centros Acadêmicos (CA's) dizendo que eles não se interrelacionam, guiando nossa visita pelo corredor em que ficam alguns CA's, que naquele momento era foco da mídia que o chamava de “corredor da morte”.

Por volta das 21h alguns alunos tiveram que se retirar, pois iriam ter a segunda aula, restando apenas oito alunos que seguiram o aluno da Geografia até uma pequena horta de plantas medicinais no subsolo do ICC.

Na aula seguinte de Educação em Geografia e após o compartilhamento de informações os estudantes escreveram o relatório final com percepções e análises sobre o ICC objeto do Estudo do Meio proposto por essa turma. Durante o retorno a sala de aula alguns

estudantes de Pedagogia proferiram suas opiniões acerca da metodologia em uma conversa com a professora e os colegas. Entre diferentes abordagens ressaltaram que:

“O estudo do meio o aluno protagoniza. É mobilizador!”

“É muito interessante!”

“Campo mais produtivo.”

“É saber o que está pesquisando previamente.”

“Fazer o caderno de campo dá prazer.”

“União da teoria e da prática.”

“A professora fica junto com os alunos.”

“É rico ir a campo construindo juntos o conhecimento.”

“O envolvimento foi muito bom.”

“Ensino, pesquisa e extensão juntos.”

“O truque do estudo do meio é a socialização das informações.”

“É 100% autoral.”

“É uma mini pesquisa.”

“Parte de nossa realidade.”

Com o desenvolvimento da observação, foi possível perceber que os estudantes acharam importante entender e pesquisar um pouco da história da Universidade de Brasília/UnB e correlacionar as mudanças decorrentes do período de sua criação até os dias atuais. Pois apesar de ser um lugar que freqüentam praticamente todos os dias ainda tinha detalhes a se conhecer.

Ao se propor o estudo do meio voltado para o Instituto Central de Ciências/ICC começou-se a perceber que a UnB é um espaço diferenciado e rico historicamente, pois nele está presente uma geografia e história riquíssimas, não somente por sua construção e marcos históricos, mas devido à riqueza e múltiplos olhares que a contemplam.

Por meio das pesquisas realizadas pelos estudantes, mediante entrevistas realizadas no ICC, pode-se perceber que as opiniões sobre o local são diversas, com isso chegou-se à conclusão que os olhares são diferentes e que a história está mais ligada à geografia do que se possa imaginar, pois as percepções mudam de acordo com a localização do curso.

Foi possível perceber também que no decorrer da disciplina Educação em Geografia, os estudantes puderam aprender fazendo e que gostaram da experiência que lhes foi proporcionada pela metodologia estudo do meio. Em conversas informais entre os estudantes eles disseram “que muitas coisas que antes pareciam fáceis e bobas, hoje são significativas e diferenciadas” e que ainda aprenderam que “não sabiam muito sobre mapas e nem mesmo o que significa paisagem ou meio natural” e que as modificações naturais que os cercam são influenciadas pelos seres humanos e pela natureza.

Em um dado momento da aula um estudante fez o seguinte comentário “O ser humano influencia o meio e é por ele influenciado”, percebeu-se e infere-se nesse fragmento de fala o quanto foi significativo a participação desse estudante nessa metodologia.

Os estudantes concluíram com o estudo do meio realizado no ICC que:

as pessoas que por ali transitam tem opiniões que estão de acordo com as situações vivenciadas por elas, as pessoas que trabalham na segurança, por exemplo, acreditam que os alunos são bagunceiros e as pessoas que trabalham com vendas acreditam que os alunos são educados e gentis. São pontos de vistas que se modificam em um mesmo espaço de vivências. (Grupo de estudantes de Pedagogia)

Concluíram também que como futuros educadores têm a responsabilidade social de formar cidadãos, sujeitos ativos e autônomos capazes de tomar suas próprias decisões. Por isso, a metodologia do ensino do meio foi uma importante aquisição na formação como pedagogos, pois pode se tornar um diferencial em suas práticas e principalmente no Ensino da Geografia.

Com o fim de mais um estudo do meio que foram realizadas tanto a observação participante, quanto a não participante foi visível perceber o quanto a metodologia do Estudo do Meio é agregadora, pois integra todos os estudantes de uma turma em prol de buscar respostas quanto a um problema coletivamente investigado no qual cada um tem um papel o possibilita uma aprendizagem significativa e torna os sujeitos protagonistas de suas aprendizagens, além de instigar o espírito científico e investigativo ao ponto de perceberem o tripê da universidade que é ensino, pesquisa e extensão, entretanto, é importante destacar que apesar de muitos estudantes terem verificado a presença da extensão, ela não está inserida na teoria sobre o estudo do meio.

### **3.3 O SURVEY – DADOS QUANTITATIVOS**

O survey foi o recurso utilizado para alcançar os dados quantitativos, visto que segundo Gil (2010, p. 55) “são indispensáveis em boa parte das investigações sociais”, pois apresenta as seguintes vantagens: os próprios investigados informam suas opiniões, o que torna a interpretação do pesquisador mais livre; a obtenção dos dados ocorre em um curto espaço de tempo e os custos são relativamente baixos e os dados obtidos podem ser quantificados.

#### **3.3.1 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS QUANTITATIVOS**

O estudo do meio em um trabalho de campo, fora da sala de aula, desenvolve a capacidade de compreensão das características locais, regionais, nacionais e globais. Todo lugar tem características próprias que lhes dão significado e forma. Essas características quando estudadas em conjunto oferecem guias para que se analisem suas relações e a partir daí permite que se façam correlações e se reflita a respeito desse lugar. É pelo estudo do meio que se pode perceber a obra dos sujeitos no espaço e no tempo, além se perceber agente dessa obra.

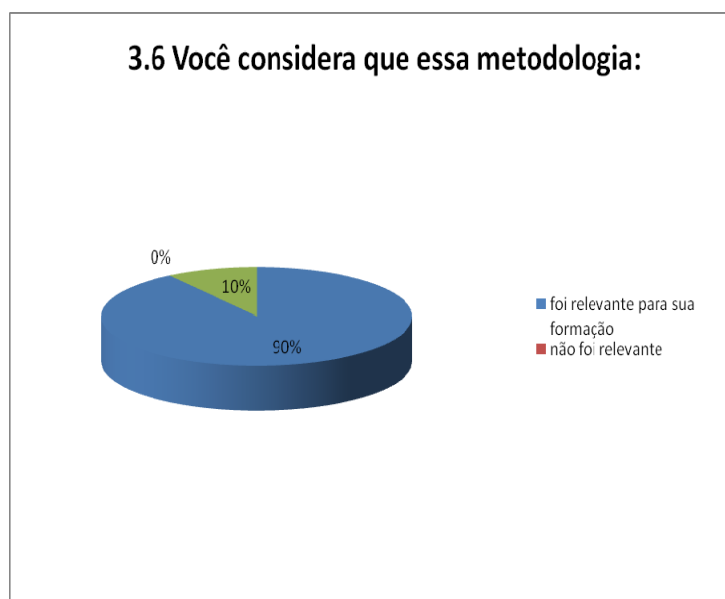
Considerando o objetivo principal desta pesquisa, que é a análise da concepção que os estudantes de Pedagogia têm acerca da metodologia de estudo do meio, percebe-se que eles a

concebem como uma metodologia interdisciplinar e autoral que auxilia na formação de alunos autônomos que sejam capazes de protagonizarem suas aprendizagens. Ainda a concebem como um instrumento pedagógico capaz de aliar de maneira interessante teoria e prática, permitindo lhes um olhar crítico e sensível a respeito de um lugar, além de permitir uma aprendizagem que vai além dos muros da escola, por meio de seu ponto alto que é a saída a campo.

Quanto à relevância dessa metodologia na formação de futuros pedagogos (Figura 1) verificou-se que 90% dos estudantes considera o estudo do meio uma importante metodologia em sua formação. Percebe-se que os estudantes entendem a importância dessa metodologia em sua formação, pois os estudantes consultados devem compreender a Geografia como uma área de conhecimento que não está pronta que necessita de reflexão, bem como de reconstrução dos seus conceitos.

É interessante notar que a maioria dos estudantes apontou essa metodologia como relevante em sua formação como pedagogos isso pode dever-se ao fato de que a Faculdade de Educação pretende formar educadores com habilidades de ensino que propiciem aos alunos aprendizagens significativas e que os tornem sujeitos ativos em seus processos educativos. (cf. Projeto Acadêmico Pedagógico da FE -PAP/FE, 2006) apud Monteiro (2010)

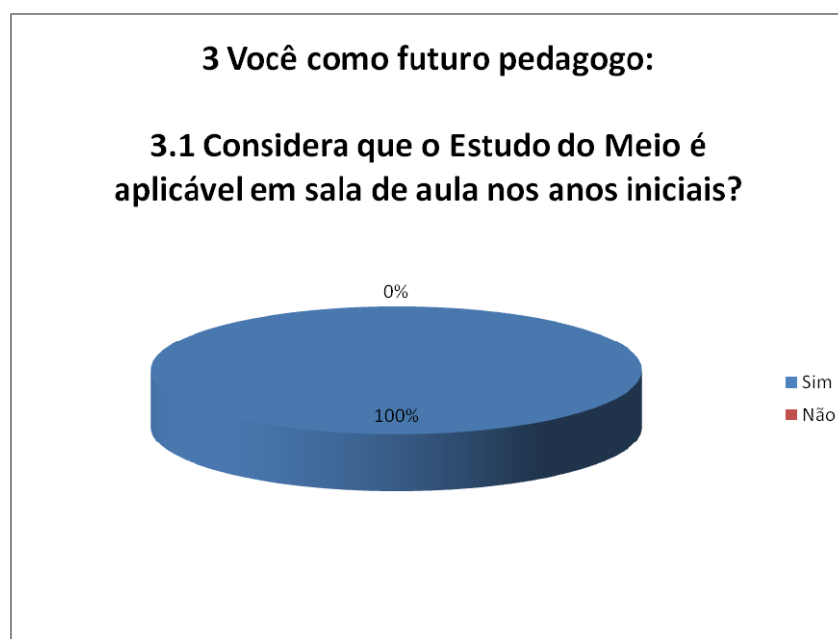
**Figura 1:** Relevância na formação de pedagogos



**Fonte:** pesquisa de campo

Visto que essa metodologia é uma ferramenta de ensino da Geografia que permite “aprender fazendo”, ou melhor, possibilita ao aluno ser protagonista daquilo que se interessa em aprender. Pode ser por isso que 100% dos estudantes (Figura 2) considera essa metodologia aplicável em sala de aula visto que a UnB pretende formar educadores que não fiquem presos aos livros didáticos e que estejam preparados para uma prática interdisciplinar que propiciem a formação integral dos seus futuros alunos (PAP/FE, 2006).

**Figura 2:** Aplicabilidade da metodologia na futura prática



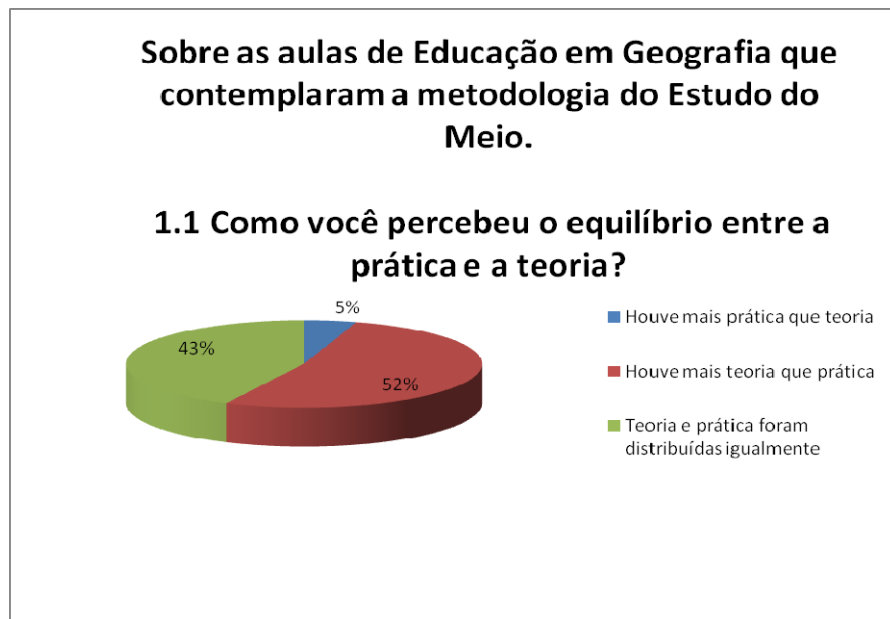
**Fonte:** pesquisa de campo

Apesar de não ser o foco desta pesquisa ela possibilitou a análise de outras questões que extrapolam os objetivos deste trabalho, mas indicam linhas a serem pesquisadas posteriormente.

Considerando a teoria e a prática empregadas para o estudo da metodologia do estudo do meio durante as aulas de Educação em Geografia, verificou-se que cerca de 52% dos respondentes considerou que houve mais teoria que prática, Figura 3, sendo que 43% afirmaram ter havido um equilíbrio entre a teoria e a prática.



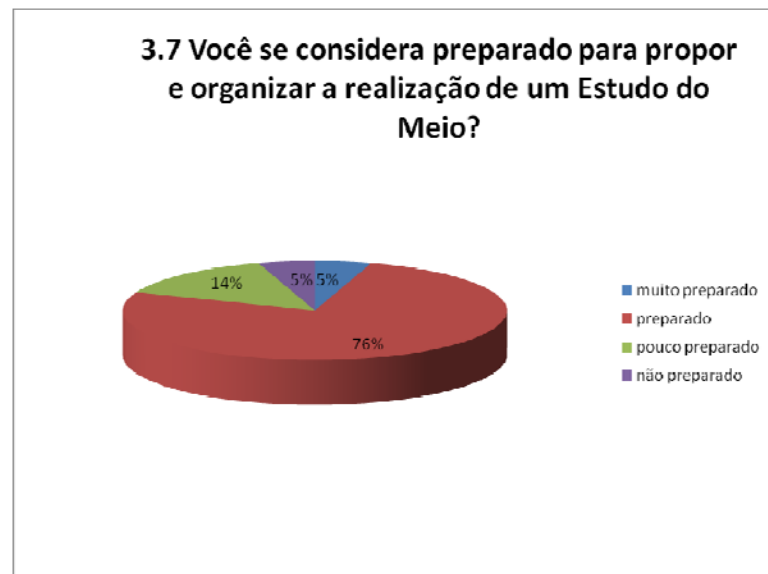
**Figura 3:** Equilíbrio entre teoria e prática



**Fonte:** pesquisa de campo

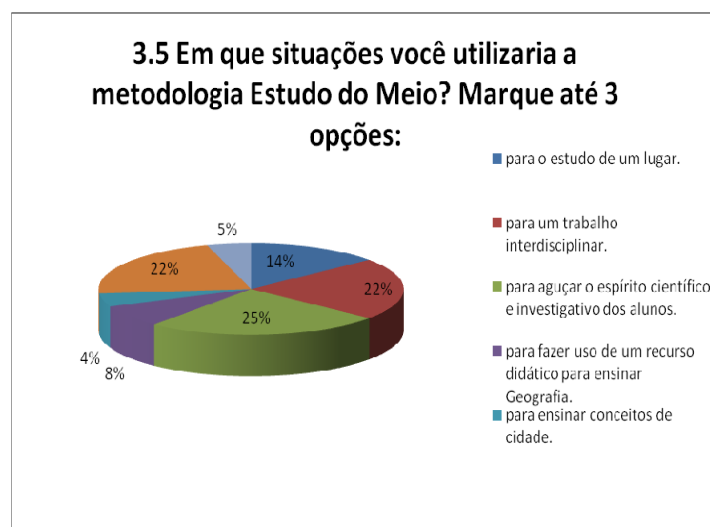
Verificou-se por meio desse questionamento que os investigados perceberam que a teoria foi mais privilegiada que a prática. Infere-se que a teoria tenha sido mais privilegiada por causa do desconhecimento teórico dos estudantes quanto à metodologia do estudo do meio.

Percebe-se que mesmo que os estudantes tenham considerado que a teoria foi privilegiada na apresentação e aprendizagem dessa metodologia os estudantes se sentem preparados (Figura 4) para propor essa metodologia em suas futuras práticas entendendo que ela é um recurso pedagógico que possibilita a vivência de novas experiências que podem propiciar a construção de conceitos complexos e o desenvolvimento de capacidades instrumentais mais consistentes para compreender, explicar e atuar sobre o meio, (cf. FERNANDES, 2010).

**Figura 4:** Preparo para propor um Estudo do Meio

**Fonte:** pesquisa de campo

É importante verificar em que situações os estudantes utilizariam essa metodologia para verificar se compreenderam a que se propõe o estudo do meio. Dessa forma depreende-se da questão que 25% dos estudantes a utilizaria para aguçar o espírito científico e investigativo dos alunos, seguido de um trabalho interdisciplinar e para propiciar uma aprendizagem significativa aos alunos com cerca de 22% cada colocação. Denota-se com esse questionamento que os estudantes compreenderam como e para que se utiliza essa metodologia (figura 5).

**Figura 5:** Situações em que se utilizaria o Estudo do Meio

**Fonte:** pesquisa de campo

Desse estudo depreende-se que a metodologia estudo do meio é relevante na formação de pedagogos que concebem como uma metodologia interdisciplinar e autoral, que auxilia no protagonismo da aprendizagem, possibilitada pela vivência de novas experiências que propiciam a construção de conceitos complexos e ainda o desenvolvimento de capacidades instrumentais mais consistentes para melhor compreensão, explicação e atuação sobre o meio.

O Estudo do Meio ainda é concebido pelos estudantes como um instrumento pedagógico que alia de forma interessante a teoria e prática permitindo-lhe um olhar crítico e sensível a respeito da categoria de análise lugar, além de permitir a aprendizagem fora dos muros da escola, por meio de seu ponto alto que é a saída a campo.

Convém ressaltar que apesar de apreciarem e se sentirem preparados para a proposição dessa metodologia, a maioria dos estudantes demonstrou não conhecer ou não se lembrar das categorias de análise da Geografia o que pode conduzir a questionamentos que extrapolam os objetivos desse trabalho, mas que indicam linhas a serem pesquisadas posteriormente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta pesquisa depreende-se que o Estudo do Meio é concebido pelos estudantes como uma metodologia ou recurso interdisciplinar que aguça o espírito científico e investigativo dos estudantes e alunos, pois se realiza por meio de uma saída a campo planejada e com intensa pesquisa possibilitada pela colaboração de todos os participantes que tem funções específicas durante a pesquisa que posteriormente são coletivizadas de forma a abarcar os diversos olhares perante um objeto específico.

Acredita-se que essa metodologia foi relevante na formação dos pedagogos da Universidade de Brasília, por poder no futuro auxiliar em suas práticas como educadores nos anos iniciais, sendo um recurso didático que visa tornar o ensino de Geografia mais atraente, já que alia a teoria e prática, levando os alunos a protagonizarem suas aprendizagens fora dos muros da escola.

Verifica-se que os objetivos propostos para esta pesquisa foram alcançados com êxito, pois os estudantes conceberam o estudo do meio como uma metodologia necessária e viável em suas futuras práticas.

Dessa forma, o estudo do meio se apresentou como uma metodologia “que propicia a construção de significados sobre os conteúdos do ensino, consubstanciados a partir de uma situação motivacional que requer a proximidade da escola com a realidade vivida pelos alunos” (FERNANDES, 2010).

Percebe-se por meio desta pesquisa que essa metodologia vem ao encontro da formação que propõe o novo currículo do curso de Pedagogia que tem seu Projeto Acadêmico “alicerçado na práxis, na formação pedagógica e das ciências da educação com vistas a formar um profissional preparado a realidade social, cultural e contemporânea” (MONTEIRO, 2010, p.123) que o cerca, tendo a prática como ponto alto dessa formação. Nesse sentido, o Estudo do Meio torna-se uma maneira bastante interessante desse futuro pedagogo colocar em prática aquilo que aprendeu durante o curso, pois essa metodologia permitirá a ele ensinar Geografia não mais focada nos livros didáticos, mas sim na vivência da prática educativa em sua concretude o que poderá possibilitar aos seus futuros alunos uma aprendizagem mais significativa.

Todavia, convém salientar que o currículo do curso apesar de seus grandes avanços ainda é incipiente no que diz respeito à formação pedagógica na área das Ciências Sociais,

especificando no caso desta pesquisa, a Geografia, que é apenas contemplada com uma disciplina, Educação em Geografia, o que pode explicar porquê o ensino de Geografia nos anos iniciais é colocado à margem de outras disciplinas como Português e Matemática, pois o pedagogo que está sendo formado não está preparado para utilizar metodologias de ensino que sejam capazes de “interdisciplinar” o ensino, ficando preso assim ao que trazem os livros didáticos que geralmente se compõem de informações descontextualizadas e fragmentadas que nada de significativo apontam para os alunos.

Nesse contexto, o Estudo do Meio como metodologia que alia teoria e prática pode facilitar a prática dos futuros pedagogos, pois é um recurso didático interdisciplinar capaz de abarcar várias áreas de conhecimento, além de permitir aos alunos protagonizarem suas aprendizagens e a trocarem horizontalmente conhecimentos com os professores, ou seja, praticando a construção do conhecimento de forma dialética com vistas à “educação libertadora” de Freire (1987) uma maneira de educar conscientemente que busca não apenas conhecer a realidade, busca transformá-la, pois tanto o educador quanto o educando aprofundam seus conhecimentos em torno de um mesmo objeto de estudo para poder intervir sobre ele.

Apesar de esse assunto extrapolar o objetivo dessa pesquisa, acredita-se que o curso de Pedagogia da Universidade de Brasília ainda não forma seus estudantes para a prática, pois ainda promove muito mais teoria que prática. Além da maioria das disciplinas não apresentar metodologia de ensino para auxiliar esse futuro profissional em sua prática.

Percebe-se que esses assuntos são pertinentes quando se discorre sobre formação de pedagogos, visto que é esse profissional que se encarregará da base do ensino e aprendizagem de diversas crianças e também de jovens e adultos do primeiro segmento, já que é ele que se encarrega da educação dos anos iniciais. Apesar do muito que já foi feito pelo currículo do curso de Pedagogia, há muito ainda a se refletir pensando se esses profissionais realmente terão respaldo como formadores de sujeitos integrais.

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Muitos foram os conhecimentos adquiridos no Curso, uns com grande aplicabilidade, outros que não aplicarei, mas que fizeram a diferença durante esses quatro anos, pois me fizeram compreender que a teoria é muito importante e que ela sempre deve está aliada a prática para que o professor embase seu trabalho da melhor forma possível.

Esta pesquisa que acabo de realizar é a concretização de uma etapa muito sonhada em minha vida que é ter e honrar um diploma, não foi fácil chegar até aqui, mas é gratificante verificar que consegui cumprir mais essa caminhada. Mais gratificante ainda é sair da universidade tendo aprendido e compreendido uma metodologia como o Estudo do Meio que com certeza fará diferença em minha prática como educadora, pois caso tenha que ir para sala de aula pretendo propor muitos estudos do meio para que meus alunos tenham a oportunidade de protagonizarem suas aprendizagens fora dos muros da escola como eu tive.

Com o fim da graduação, pretendo fazer concurso público para exercer a profissão de pedagogo. Caso eu seja aprovada em um concurso da Secretaria de Educação, depois de uns dois anos vou fazer mestrado e quem sabe um doutorado em metodologias de ensino para poder contribuir com outros profissionais da área de educação. Hoje não pretendo ir para sala de aula, pois já faz 13 anos que lido com alunos e verifico que não é uma atividade valorizada, nem pelos alunos e muito menos por seus pais que delegam à educação dos filhos a escola. Isso não é “achismo” é uma constatação triste de anos lidando com alunos de escola pública e privada, educandos esses que a cada dia que passa são menos leitores e escritores da realidade, que vivem em um mundo permeado pela falta de limites e de uma educação voltada para vida. Por isso, atualmente não é um sonho ir para a sala de aula, mas talvez seja uma necessidade profissional minha devido à concorrência do mercado de trabalho.

Todavia, minha maior pretensão é ser aprovada em um concurso do Judiciário ou do Legislativo e poder exercer meu trabalho com responsabilidade e dignidade e depois de me estabilizar financeiramente procurarei dar aulas, ou melhor, trocar saberes em qualquer lugar que tenha pessoas querendo participar de um projeto que vai além da vontade política de um país que ainda têm muitos esquecidos e marginalizados e que precisam apenas ser ouvidos

para poderem desabrochar para uma educação realmente significativa e transformadora. Enfim poder trabalhar de forma voluntária em prol da educação do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- BRUNER, Jerome. (1997a). **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas
- BUENO, Míriam Aparecida. **Atlas escolares municipais e a possibilidade de formação continuada de professores: Um estudo de caso em Sena Madureira/AC. 2008**. 152f. Tese de doutorado- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, São Paulo, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A importância do estudo do meio na prática de ensino em Geografia Física**. B.goiano.geogr, Goiânia, v.29, n.2, p.185-198, jul./dez, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/viewfile/9028/6242>>. Acesso em: 23 fev. 2011.
- BUENO, Míriam Aparecida; COMPIANI, Maurício Compiani.” **Onde está a minha escola?” O estudo do lugar e suas representações nas entrelinhas do atlas escolar municipal de Xapuri/AC**. Disponível em: <[http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-1/comunicacoes/miriam\\_bueno.pdf](http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-1/comunicacoes/miriam_bueno.pdf)>. Acesso em: 23 fev.2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia**. Brasília: Ministério de Educação e do Desporto- SEF. 1997.
- CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org). Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2000, p. 83-134
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007
- CARPINTERO, A.C.C. **Brasília, patrimônio de quem?** in: FERNANDES, Edésio & ALFONSÍN, Betânia; (orgs). Revendo o Instituto do Patrimônio. Belo Horizonte-MG, Editora Fórum. No prelo. 2005.
- COSTA, Lúcio. **O urbanista defende sua capital**. Revista Acropóle. São Paulo: Instituto de Arquitetura do Brasil, 1970. p.375-376.
- CASTELLAR, Sônia. **Trabalhando com um projeto educativo sobre a cidade**. –In: CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. Ensino de Geografia. São Paulo: Cengage Learning, 2010, p.119-143
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto** (2007). 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006
- Educar para Crescer. **Célestin Freinet**. Editora Abril. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/celestin-freinet-307897.shtml?page=page2>> . Acesso em 02 jul. 2011



FERNANDES, Maria Lídia Bueno. **O Estudo do Meio como uma intervenção pedagógica.** In: JACOBI, Pedro Roberto; MONTEIRO, Fernando; FERNANDES, Maria Lídia Bueno. Educação e Sustentabilidade: caminhos e práticas para uma educação transformadora. São Paulo: Evoluir Cultural, 2009, p. 67-94.

\_\_\_\_\_. **A Prática Educativa e o Estudo do Meio: o Amapá e a construção do conceito de sustentabilidade como estudo de caso.** 254f. Tese de doutorado- Universidade de São Paulo-USP. Programa de Pós-graduação em Geografia Física. São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Estudo do Meio e o Ensino de Geografia.** Resumo expandido publicado no XI EGAL (Encontro Nacional de Geógrafos da América Latina), 2011.

FERNANDES, Maria Lídia Bueno e COSTA, Terezinha de Sant'Ana de Oliveira. **O Estudo do Meio e a Educação de Jovens e Adultos.** Trabalho enviado ao XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia: A produção do conhecimento e o ensino de Geografia. Goiânia de 17 a 21 de abril de 2011. (mimeo)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GAMBOA, Silvio Ancízar Sanchez. **A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto.** FAZENDA, Ivani (org). In: Metodologia da pesquisa educacional. 2.ed. São Paulo, 2008, p.91-115

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas Editora, 2010.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação científica.** 4. ed. São Paulo: Alínea Editora, 2007.

KAERCHER, Nestor André. **Ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço,** 1998

LISBOA, Severina Sarah. **A importância dos conceitos da Geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares.** Minas Gerais, 2002. Disponível em: [www.coluni.ufv.br/revista/docs/volume\\_04/importanciaconceitosgeografia.pdf](http://www.coluni.ufv.br/revista/docs/volume_04/importanciaconceitosgeografia.pdf) Acesso em 15 abr. 2011

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa.** 7.ed. SÃO PAULO: Atlas, c2008. 277p.

MONTEIRO, Maria Isabel Nascimento Ledes. **Inovação Pedagógica no Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB): um estudo de abordagem etnográfica.** 358f. Tese de Doutorado. Universidade da Madeira. Portugal, 2010, p. 104-129.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes.** -In: VESENTINI, José William (Org) O ensino de Geografia no século XXI. São Paulo: Papyrus, 2005, p. 249-288.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Estudo do meio: momentos significativos de apreensão do real.**- In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Iyda Tomoko; CACETE, Núria Hanglei. Para ensinar e aprender Geografia. São Paulo: Cortez, 2007, p. 173- 212.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da Geografia.** Hucitec. São Paulo, 1988

\_\_\_\_\_. **Pensando o Espaço do Homem.** 4 ed. São Paulo Editora Hucitec, 1997

TONINI, Ivaine Maria. **Geografia Escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos.** Ijuí: Editora Unijuí, 2006, p.19-40

VYGOTSKY, L.S. **Um estudo experimental da formação de conceitos.** In: VYGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2000

## **ANEXOS**